

ensaios
CIENTÍFICOS

Paisagem cultural no Beco do Batman: da experiência do concreto ao mundo virtual

AUTORAS

Luiza Simionatto Budahazi
8º sem. de Arquitetura e Urbanismo,
PUC-Campinas

Dr^a. Jane Victal
Arquiteta e Urbanista / Docente e
Pesquisadora do Programa de Pós-
Graduação em Arquitetura e Urbanismo,
PUC-Campinas

RESUMO

A resignificação do Beco do Batman por meio do compartilhamento de imagens nas redes digitais tem proporcionado a valorização da região de Pinheiros, cujos principais atrativos devem-se pela fácil acessibilidade na capital paulista e pela presença do grafite, expressão artística efêmera de caráter crítico. Tendo a cidade como suporte, a arte urbana está atrelada aos eventos cotidianos de uma população que produz uma **cultura emergente**, isto é, que está à margem do sistema hegemônico (SANTOS, 2008). Esta primeira apropriação do espaço, que surgiu como “cultura de baixo”, passou a atrair jovens pela exuberância e peculiaridade de sua paisagem, que por sua vez se tornaram agentes de resignificação urbana baseada na difusão da imagem deste locus nas redes sociais. Dessa maneira, percebe-se a popularização da imagem de tal destinação turística através do meio digital, caracterizada pela divulgação da experiência particular que cada indivíduo estabeleceu em decorrência do caráter pictórico e da indústria criativa ao qual este espaço está associado. Com a resignificação e valorização do distrito que o fenômeno induziu, vemos na atualidade uma quantidade expressiva de lançamentos imobiliários.

PALAVRAS-CHAVE

Resignificação urbana; paisagem cultural; redes sociais; Beco do Batman; Distrito de Pinheiros; São Paulo

1. FENÔMENOS DE RESSIGNIFICAÇÃO NO DISTRITO DE PINHEIROS EM SÃO PAULO

Atualmente vemos um processo de resignificação do Beco do Batman ocorrendo nas mídias sociais, tornando esse espaço o destino de uma população jovem que se utiliza da fotografia e dos dispositivos móveis para produzir novas linguagens acerca do território, pautadas na divulgação e na influência massiva de postagens contendo a imagem da paisagem urbana local.

Dado o alcance mundial que as redes sociais promovem, em especial o Instagram, o Beco do Batman, no Distrito de Pinheiros em São Paulo, se tornou local atrativo para a visitação, levando grande número de turistas que para lá se deslocam com o objetivo de usufruir da experiência de um espaço peculiar da cidade e apreciar seus grafites. A origem desse tipo de arte

urbana está também associada ao tipo de morador local e a atividade voltada à **indústria criativa** que se instalou no bairro. A experiência singular que se promove, induzida por essas duas camadas de resignificação, a concreta e a virtual, surge como construção social por ser permeada pela expressão cultural de uma comunidade de artistas e artesãos.

Desse modo, entende-se a importância dos celulares como produtores de novas linguagens e sua difusão pelas redes sociais como agente de produção de novos significados aos lugares. Uma vez que as fotografias são capazes de proporcionar uma narrativa baseada no recorte da paisagem, onde se entende a decodificação individual do espaço experienciando, novos olhares situados no ciberespaço complementam a experiência da fruição no espaço concreto. As imagens, veiculadas no Instagram e demais redes sociais, dão testemunho da presença no espaço concreto, denotam a autenticidade do evento no momento da fruição e atribuem valor ao turista que é o gerador da informação. O **uso de hashtags**, por sua vez, é responsável por conectar e agrupar lugares e diferentes comunidades a partir da associação de imagens postadas em torno de determinados assuntos, gerando feixes de significados. Além disso, a narrativa se relaciona com a leitura instantânea e dotada de significados das imagens publicadas, já que se identifica a importância do caráter visual na vivência dos espaços na contemporaneidade.

2. CULTURA EMERGENTE E RESSIGNIFICAÇÃO DO ESPAÇO URBANO

Sem a presença de limites precisos, o Beco do Batman exerce uma área de influência em seu entorno que abrange os bairros de Pinheiros, de Sumarezinho, do Jardim das Bandeiras e da Vila Madalena. A fim de compreender a atual **morfologia urbana** da área estudada, é preciso ir mais a fundo no início da ocupação e urbanização do Distrito de Pinheiros. De acordo com a Planta Geral da Capital de São Paulo, elaborada sob a direção de Gomes Cardim em 1897, no final do século XIX o local ainda se encontrava sem qualquer referência

a ocupação, porém, há indícios da sua localização. Nessa Planta da cartografia antiga da cidade de São Paulo, a Avenida Paulista finaliza no conjunto do Hospital de Isolamento e Cemitério Municipal (atual Cemitério do Araçá) de onde parte a Avenida Rebouças que leva a então singela Villa dos Pinheiros. É possível destacar o traçado ortogonal das quadras e ruas do bairro Cerqueira César, atualmente bairro de Pinheiros, num quadrilátero delimitado pela Av. Rebouças, o conjunto do Hospital e um curso d'água, provavelmente o Córrego Verde I.



Figura 1 - Detalhe do mapa de 1930 pontuando a área onde surgiu o atual quadrilátero Beco do Batman no Distrito de Pinheiros. Fonte: S.A.R.A Brasil, 1930, disponível em: geosampa.prefeitura.sp.gov.br. Acesso em 01/07/2021



Figura 2 - Mapa do quadrilátero do Beco do Batman contendo: o traçado original do córrego Verde I que foi canalizado e fechado, a Rua Harmonia e o cemitério São Paulo Cardeal / Fonte: BUDAHAZI, VICTAL, 2021, com base no Mapa Administrativo GeoSampa.



Figura 3 - Foto aérea do bairro da Vila Madalena - 1950 / Fonte: Acervo Antônio Landi. Disponível em <http://guiavivavila.com.br/historias/antes-de-mais-nada/>. Acesso em 15/07/2020

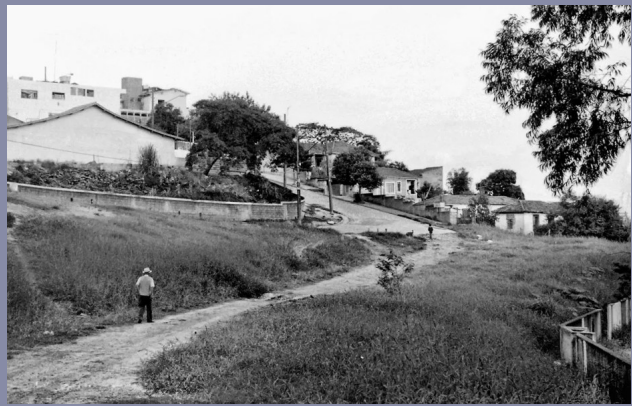


Figura 4 - Foto de 1986 - Rota de passagem por onde se podia caminhar de forma mais amena. Rua Fidalga ao fundo. Fonte: Acervo José Eduardo Afonso. Disponível em: <http://docfoto.com.br/site/a-vila-madalena-do-passado-em-fotos-documentais/>. Acesso em 19/05/2020

Em 1930, com o Mapeamento Sara (figura 1), identificou-se o Cemitério S. Paulo em vias de ser construído e um tecido urbano em expansão, com ruas ainda sem identificação quanto aos nomes. Ao longo do Córrego Verde I, nota-se que toda a parte posterior é um fundo de vale com áreas alagáveis de difícil urbanização. Assim, esta área se constituirá como uma ruptura da malha urbana obstruindo a continuidade do sistema de ruas e quadras nas proximidades do cemitério. Desvalorizado e sem prioridade de uso urbano, dividindo os arrabaldes e o centro mais dinâmico da cidade, o local atrás do cemitério era um fundo de vale provavelmente inóspito (figura 2). No entanto, no outro lado desta **cicatriz urbana**, encontrava-se em formação um bairro com ruas ainda sem denominação, pequenos lotes, poucos ocupados por casinhas, para além do curso sinuoso do Córrego.

Em 1954, com o levantamento cartográfico da Vasp-Cruzeiro presente no site GeoSampa, é possível identificar que os terrenos ao fundo do cemitério S. Paulo já se encontravam totalmente ocupados por edificações estreitas e compridas em lotes irregulares, que se acomodavam ao terreno, desviando do córrego e construindo passagens entrecortadas. Como consequência, surge um beco, provavelmente uma rota de **passagem nos fundos dos lotes**, por onde se podia "cortar" o caminho de forma mais amena e direta. Sendo assim, em meados do século, a região possuía um forte caráter familiar e operário (figuras 3 e 4), que mudaria conforme a chegada de estudantes a partir da instalação do campus da Universidade de São Paulo no bairro Butantã.

Para além das transformações no caráter da região de Pinheiros, nota-se a presença de aspectos que induziram a mudança do sentido de lugar e promoveram a **ressignificação, renovação e gentrificação** da área onde hoje se encontra o Beco do Batman. Este ponto se encontra nas fronteiras de bairros tradicionais do distrito de Pinheiros, mas tem a Vila Madalena como ponto de atração a partir do qual toda a região foi se tornando conhecida.

Em sua origem a região era ocupada esparsamente desde a várzea do Rio Pinheiros até o chamado espigão da Avenida Paulista. No início do século XX, imigrantes portugueses se instalaram na região da atual Vila Madalena, possuindo como atrativo a linha de bonde que ligava Pinheiros ao centro. No entanto, o **bairro operário** era dotado de uma infraestrutura urbana muito precária e em meados do século, com a presença do líder comunitário Padre Olavo Pezzotti, o bairro recebeu equipamentos públicos como uma Igreja Matriz, escolas e um ambulatório. Além disso, o líder promoveu o asfaltamento para quase todas as ruas do bairro e a extensão da linha de bonde existente. (PORTUGHEIS, 2014).

Assim, no âmbito cultural, as festividades que ali ocorriam tinham influência portuguesa, mas, em algum momento de sua história, o Padre Olavo adquiriu uma máquina cinematográfica com a qual projetava filmes a noite na parede externa da Casa Paroquial. Isso demonstra a preocupação dos próprios habitantes em promover **lazer e cultura** em seu meio e a vocação para certo tipo de atividade coletiva no espaço público das ruas (PORTUGHEIS, 2014).

Até o início dos anos 1970, o bairro continha um caráter familiar, o qual começou a mudar com a vinda de estudantes e professores. As casas operárias eram edificações em lotes comprimidos com aluguéis de custo modesto e por isso passaram a ser procuradas para **habitação de estudantes**. O local se encontrava a meio caminho entre o centro da cidade e o então recém-construído Campus da Universidade de São Paulo e, com a implantação de transporte coletivo, passaram a conter repúblicas de estudantes.

Com a nova demanda populacional, aumentaram os equipamentos de serviços e de comércio no bairro, assim como a quantidade de pontos de encontros e dentre eles estão os restaurantes e livrarias, frequentados em sua maioria pelos estudantes. Aliado a eles, o bairro foi destino de muitos jovens cineastas, produtores e jovens artistas, que foram montando seus ateliês no local. Devido a isso, a Vila Madalena e partes do Distrito de Pinheiros começaram a se expandir, adensar e verticalizar, o que fez com que pouco a pouco as antigas casas familiares dos imigrantes portugueses cedessem seus terrenos a pequenos restaurantes, bares e cafés.

No início dos anos 1970 surgiu, em várias das grandes cidades do mundo, um tipo de arte urbana que foi designada como **grafite**. Feito em muros e paredes, era realizado por grupos de jovens para marcar circuitos territoriais. Segundo Sandro José Cajé Paixão (2011), a escrita caligráfica e infantil dos grafites norte-americanos da época marca a legibilidade de apelidos entre os integrantes dessas gangues como uma forma de rebelião contra a discriminação que sofriam. Com o passar dos anos, os grafites começaram a se aproximar das experiências abstratas, uma vez que o uso das cores e arranjos das formas, que captam o movimento do grafiteiro, têm a função de causar um forte impacto visual.

Assim, o movimento foi sendo intensificado e

tomando novas formas e linguagens, mais complexas e criativas como forma de expressão artística. Essa **forma de arte, transgressora e resistente aos espaços de museus**, chamou a atenção das grandes mídias, fazendo com que o grafite se popularizasse principalmente entre os jovens. Os norte-americanos Jean-Michel Basquiat (1960-1988) e Keith Haring (1958-1990) destacam-se como importantes artistas precursores da pintura mural em Nova Iorque, onde a cidade passa a ser o suporte da arte.

Durante a ditadura militar no Brasil, as liberdades de expressão eram fortemente reprimidas. Com isso, artistas e jovens estudantes passaram a usar o ambiente urbano como palco de suas intervenções e críticas ao sistema político vigente, como foi o caso dos estudantes da USP que se instalaram na região do Distrito de Pinheiros. Os grafites realizados por esses estudantes possuíam o traçado a mão livre, o intenso uso de cores, incorporavam elementos das histórias em quadrinhos e das artes gráficas, além de elementos textuais que os completavam com dizeres de resistência política, compreendendo **a arte de uma sociedade que está à margem do sistema da arte tradicional**.

Assim, a apropriação do Beco a partir dos grafites ocorreu na década de 1970 por um grupo de grafiteiros pioneiros composto por: Maurício Villaça, Júlio Barreto, Jorge Tavares, Rui Amaral e John Howard. A designação de "Beco do Batman" surgiu devido ao desenho do homem-morcego das histórias em quadrinhos que foi inscrito em um ponto evidente do beco e se tornou uma marca de reconhecimento daquela paisagem urbana.

Segundo Valverde (2017), os grafiteiros de São Paulo expressavam seus cotidianos por meio dessa arte marginal, buscando estabelecer um diálogo com a cidade. O Beco do Batman, por ser um lugar residual da cidade, de difícil acesso por automóveis e pouco iluminado, com baixo valor imobiliário, se tornou boa opção para montagem de ateliês e pequenas oficinas. Contendo muros de fundos de lotes e lugar de passagem de pedestres para cortar caminhos, se tornou um ponto privilegiado para grafiteiros (figura 5).

É importante ressaltar que os muros de fundos de lotes que dão origem ao Beco do Batman são de domínio privado. No entanto, quando os moradores permitem a manutenção dos grafites, eles promovem a valorização daquele beco abandonado e a ressignificação da região. A tensão entre público e privado, reforçada a partir da relação entre os muros dos lotes e a apropriação, pelos artistas e pela população, promove a transformação da área em espaço de convívio e de fruição estética. Nesse sentido, vemos uma **relação equilibrada entre o público e o privado**, visando o bem comum na rua, uma vez que ambos os atores servem de suporte para fomentar a cultura emergente do grafite.

A notoriedade desse local, assim como a popularização do grafite entre os jovens, está muito relacionada com outras formas de expressão da arte e do cotidiano de jovens da periferia, dentre elas podemos citar o estilo musical hip hop e o skate. A paisagem urbana passa a ser o palco ideal da manifestação dessa

cultura emergente que vem de baixo para cima: **“A comunicação marginal é a alternativa daqueles que rejeitam a representação diplomática das classes dominantes”**. (PAIXÃO, 2011, p. 175)

Com o tempo, todo o quadrilátero em torno do beco que surgiu com a canalização e tamponamento do Córrego Verde I, tornou-se reconhecido como sendo uma grande galeria a céu aberto. As pinturas passaram a ocorrer também nas outras pequenas ruas do quadrilátero e aparecem pontualmente desde as ruas mais movimentadas até o “coração” do beco. Pode-se dizer que os grafites do Beco do Batman induziram a revitalização da paisagem urbana na região atrás do cemitério que era visto como um lugar desvalorizado da cidade (figura 6). A promoção dessa revitalização foi feita por uma **cultura emergente que reivindica seu direito de usufruir a cidade**, a qual tem sido a pauta das intervenções urbanas ocorridas em São Paulo desde o fim do século passado.

Este espaço urbano se transformou em um espaço privilegiado de um grupo heterogêneo de pessoas interessadas na indústria criativa devido a fatores como a localização estratégica: a região de Pinheiros fica localizada na porção sudoeste da cidade, é considerada um dos locais de maior concentração de profissionais e pequenas empresas voltadas à indústria criativa da cidade de São Paulo. Esta atividade se expandiu de forma espontânea, sem incentivos do governo e seu caráter emergente forneceu as bases para a resignificação e revalorização do espaço urbano.

Como espaço público e “galeria à céu aberto”, o beco se tornou destino de visitantes que colocavam esse ponto da cidade em seus **roteiros turísticos** (figura 7). Um passeio sem custos de entrada, popular e democrático, aberto a todos. O colorido e a paisagem urbana cenográfica proporcionaram a motivação ideal para a visita de jovens adeptos ao “selfie” e às redes sociais.



Figura 5 – Beco do Batman em 1994.
Autor: Paulo Angerami. Acervo IMS



Figura 6 – Beco do Batman em 2019.
Fonte: Acervo pessoal. Fotografia tirada em 17/07/2019



Figura 7 - Interação entre os visitantes e o grafite das asas presente no Beco do Batman / Fonte: Acervo pessoal. Fotografia tirada em 17/07/2019

3. DO CONCRETO AO VISUAL

Uma vez que a renovação da região de Pinheiros foi proporcionada pela influência da indústria criativa a partir dos equipamentos culturais próximos e do grafite, outro fator capaz de promover o lugar se deve pela publicação de imagens do Beco do Batman no meio digital, em especial no Instagram. O uso de imagens com hashtags e/ou geotags potencializam a criação de uma comunidade artística através do agrupamento de fotos em comum entre os mais diversos usuários. É como se o registro do momento concreto individual se estendesse ao mundo virtual, de maneira que o compartilhamento da experiência se atrela à imagem pessoal pela qual o indivíduo quer passar para os demais (PEREIRA, SANTIAGO, 2017).

Em decorrência da postagem, o indivíduo reforça a linguagem despojada e jovem da arte urbana, assim como o caráter efêmero dessa forma de expressão, já que os grafites estão em constante sobreposição e renovação, demonstrando o **dinamismo da arte urbana** em contraste com o caráter estático das obras expostas nos museus (figura 8). O dinamismo também está presente na maneira de interpretar a paisagem do Beco do Batman, uma vez que as fotografias publicadas constituem um recorte do espaço, dotado de significados pessoais, capazes de influenciar os demais usuários a vivenciar a experiência concreta da destinação turística. É fato que, na contemporaneidade, a cultura visual se faz muito presente, sendo que a população jovem demonstra a tendência ao veicular mensagens por meio de imagens, assim como fazem quando compartilham suas experiências em frente aos grafites.

Por fim, um aspecto fundamental para a ressignificação da região de Pinheiros associada ao desenvolvimento da indústria criativa se deve pelos dispositivos móveis capazes de armazenar uma enorme quantidade de fotografias, além de serem os responsáveis pela **conexão de diferentes grupos** por meio das mídias sociais. O desenvolvimento da tecnologia vem possibilitando a criação de ferramentas versáteis que permitem estender para o mundo virtual a experiência concreta individual de

um destino turístico, como é o caso do Beco do Batman.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O quadrilátero urbano correspondendo ao local que é conhecido como Beco do Batman e seu entorno imediato, inserido no Distrito de Pinheiros na cidade de São Paulo, passou por duas fases de ressignificação com fenômenos de cultura emergente que surgiram a partir da produção espontânea de expressões da arte contemporânea. Primeiramente o grafite, um movimento de arte urbana que surgiu a partir de finais da década de 1970 e transformou um beco de passagem, escuro, desvalorizado e empobrecido em galeria a céu aberto, alterando a paisagem urbana. Mais recentemente, com a revitalização do lugar em decorrência desta arte popular, o beco tornou-se um lugar de intensa visitação de turistas que, utilizando a tecnologia móvel, registram suas passagens pelo lugar e postam nas redes sociais levando a intensificação e a formação novos significados para esse espaço público paulistano.

Como o local ficou conhecido pela presença de profissionais da indústria criativa, artistas, cineastas, artesãos e outras modalidades de atividades culturais, passou também a receber um comércio de entretenimento com restaurantes gourmet, bares, cafés e boutiques que resultaram na valorização dos bairros do distrito, processo que ainda se encontra em fase de expansão.

Em síntese, é possível observar que a manifestação de uma cultura emergente no Beco do Batman, vem sendo capaz de ressignificar a paisagem. A fácil acessibilidade ao meio físico devido à privilegiada localização próximo ao centro histórico, a importantes equipamentos ligados à indústria criativa e a oferta de transporte público têm sido alguns dos fatores responsáveis pelo novo sentido do lugar. De igual modo, a presença dos grafites, expressão artística efêmera de caráter crítico que possui o espaço público como suporte, tem atraído turistas de todo o mundo a vivenciarem a experiência concreta de tal destinação turística. Por conseguinte, a fácil acessibilidade virtual a partir do caráter democrático das redes sociais, associadas a atratividade social e cultural da região de Pinheiros, corroboram para a construção de uma comunidade artística virtual que reivindica o direito de usufruir a cidade e de se apropriar de espaços públicos como forma de garantir a sociabilização dos indivíduos e a democratização do acesso à arte. O compartilhamento de imagens veiculadas ao Beco nas mídias digitais, em especial o Instagram, proporcionam uma nova leitura do lugar baseada na experiência particular. Desse modo, percebe-se a paisagem como construção social, pois a experiência concreta se estende ao mundo virtual como forma de validação daquele ambiente e daquela cultura.

Esses dois tipos de requalificação urbana, que surgem "de baixo para cima" com teor transgressor e a partir das camadas populares sem o auxílio governamental colaboram para a revitalização do espaço público. No entanto, o mercado imobiliário é extremamente hábil em

detectar formas diversas de urbanidade e, apropriando-se desses atributos típicos da cultura local, transforma-os em valores monetários. Já se observa então, surgirem vários lançamentos de torres de apartamentos e a verticalização que se acentua, o que deve trazer problemas urbanos como o adensamento acima da capacidade do sistema viário e principalmente a gentrificação, quando a população de origem não puder mais sustentar a elevação do custo de vida no local.



Figura 8 – Grafite presente no Beco do Batman / Fonte: Acervo pessoal. Fotografia tirada em 17/07/2019

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACIA HIDROGRÁFICA DOS CÓRREGOS VERDE - BRAÇOS I E II. Realizado pela Prefeitura de São Paulo. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/chamadas/anexo_vii_corrego_verde_bracos_i_e_ii_1331049609.pdf. Acesso em 08/08/2020.
- SANTOS, Milton. Por outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- PAIXÃO, Sandro José Cajé da. O meio é a paisagem: pichação e grafite como intervenções em São Paulo. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em estética e História da Arte, da Universidade de São Paulo. 2011.
- Planta n. 11: PLANTA GERAL DA CAPITAL DE SÃO PAULO. Original impresso de Dr. Pedro Augusto Gomes Cardim – 1897. Disponível no Acervo digital do Arquivo Histórico Municipal. São Paulo, setembro/outubro de 2008. Disponível em: <http://www.arquiamigos.org.br/info/info20/i-indice.htm>. Acesso em: 08/08/2020.
- PORTUGHEIS, Débora Jun. Vila Madalena: Pólo de Comércio, Lazer e Cultura. Relatório Final de Pesquisa de Iniciação Científica Institucional/RUSP realizado sob orientação de Profa Dra. Heliana Comin Vargas, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014. 67p.
- PEREIRA, Luciana Noronha; SANTIAGO, Aline Gonçalves. Redes sociais e paisagem da destinação turística: fotografias online na construção da imagem da cidade. Periódico Paisagem e Ambiente: Ensaios – n°40 – São Paulo p.9 – 31 – 2017.
- SANTOS, Milton. Por outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- S.A.R.A. Brasil, Mapa Topográfico do Município de São Paulo, Prefeitura Municipal de São Paulo, 1930. Disponível no Mapa Digital da Cidade de São Paulo, www.geosanpa.prefeitura.sp.gov.br.
- VASP-Cruzeiro, Prefeitura Municipal de São Paulo, consórcio VASP Cruzeiro em 1954. Disponível no Mapa Digital da Cidade de São Paulo, www.geosanpa.prefeitura.sp.gov.br.
- VALVERDE, Rodrigo Ramos Hospodar Felipe. Os limites da inversão: a heterotopia do Beco do Batman, São Paulo. ISSN: 1984-8501 Bol. Goia. Geogr. (online). Goiania, v. 37, n. 2, p. 223-244, maio/ago. 2017.

Análise do urbanismo das cidades árabes islâmicas: a influência da religião e da cultura no traçado urbano

AUTORA

Sarah Vieira Paz Souza

10º sem. de Arquitetura e Urbanismo,
Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMO

O presente artigo é resultado de um trabalho de iniciação científica no Programa de Educação Tutorial (PET) da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e investiga o urbanismo das cidades islâmicas no Oriente Médio. Partindo do pressuposto que a religião Islâmica tem grande influência sobre a forma e a morfologia urbana, busca-se entender quais são os motivos para essas similaridades. Além disso, é feita a análise e caracterização de alguns espaços dessas cidades: o centro, a circulação e a área residencial

PALAVRAS-CHAVE

urbanismo islâmico, islamismo, morfologia urbana

1. INTRODUÇÃO

O estudo das cidades é provocativo por natureza assim como é amplo e de diverso alcance. Seria impossível para um único indivíduo tentar entender sua complexidade devido ao volume imenso de conhecimento necessário para realizar tal ação. Uma cidade pode ser analisada por diversas perspectivas, como econômico, política, sociológica, geográfica, histórica, artística e arquitetonicamente. [...] A cidade, a criação humana mais compreendida, inclui tudo e nada que se refere ao homem ser exterior a ela. Tudo que afeta a humanidade está refletido na cidade (MONTEQUIN, 1983, p.43, tradução nossa).

A cidade é produto da combinação e da integração de diversas ações determinadas pelas tradições, culturas, ideias políticas, forças econômicas, grupos ou indivíduos (DINIZ, OLDONI, 2017). De acordo com Costa e Netto (2015) e Macedo (2012), “a forma como a cidade está organizada, setorizada e disposta sobre o terreno, se constituem nas características da sociedade urbana local e, portanto, compreender o espaço requer, primeiramente, uma compreensão holística de todos os fenômenos que permeiam esta sociedade local” (DINIZ, OLDONI, 2017, p. 3).

Diante disso, é importante compreender a cultura e as tradições da comunidade que habita em um local para

entender como se dá a organização espacial de uma cidade. A morfologia urbana é a ciência responsável pela análise dessa forma, interligando-a com os fenômenos que a originaram (LAMAS, 1993 apud DINIZ, OLDONI, 2017, p. 3). O modo como os elementos se organizam no espaço é o objeto de estudo dos morfologistas (REGO; MENEGUETTI, 2011, p. 125).

Ao longo da evolução urbana do Oriente Médio e Europa surgiram três tipos de cidades com morfologias distintas: a privada e religiosa cidade Islâmica, a pública cidade da antiguidade clássica, a doméstica e ruralizada cidade do Norte da Europa (MONTEQUIN, 1983). O presente trabalho se ocupa em analisar o primeiro tipo de cidade, identificando e analisando os elementos característicos dela.

O conceito de cidade Islâmica começou a ser desenvolvido e estudado de forma mais profunda pelos Orientalistas Franceses no início do século XX, destacando-se os irmãos George e William Marçais e Jean Sauvaget. São feitos alguns estudos sobre essa temática nos anos seguintes, destacando-se o trabalho de Von Grunebaun (1946).

De acordo com Marçais (1928), os muçulmanos podem ser considerados construtores de cidades. Isso se deve pelo fato do Islã ser uma religião necessariamente urbana uma vez que seu fundador, Maomé, e seus primeiros seguidores pertencerem à elite islâmica. As primeiras cidades muçulmanas se desenvolvem a partir de acampamentos de comerciantes sedentários. Segundo o autor, o Islã não é apenas uma religião que teve origem em assentamentos árabes, mas que também os favoreceu e deu suporte a eles.

Dessa forma, apoiado no caráter singular desse urbanismo, o presente artigo, derivado de uma pesquisa de iniciação científica, tem por objetivo listar e analisar os elementos característicos e compreender a morfologia das cidades islâmicas no Oriente Médio. Para isso foi feito um levantamento bibliográfico e análise de mapas e projetos urbanos dessas cidades.

¹While the individual structures were always changing, the general configuration of the city remained the same. Such an urbanistic process was never hampered by temporal or geographical differences. Precisely, because of it Muslim cities are so similar in all times and locations (MONTEQUIN, 1983, p. 47).

²It outlined a way of life based on the moral ethical and communal principles contained in the Qur'ah. The city that resulted thereafter was the manifestation of this model. While the physical structure reflected a decentralization of power and autonomy of communities that could only have been possible through a strict adherence if ethics and responsibilities incumbent upon urban living in Islam. This model can be described as a behavioral model based upon the principles of moral unity, social relation and ethical responsibility (HAMMED, 1991, p. 65).

³The emphasis laid on human responsibility, ethical behavior and communal solidarity enhanced the participation of local inhabitants in the creation of their immediate environment (HAMEED, 1991, p. 40).

2. URBANISMO ÁRABE ISLÂMICO

Enquanto as estruturas individuais estavam sempre mudando, a configuração geral da cidade se manteve. Tal processo urbano nunca foi dificultado por diferenças temporais ou geográficas. Precisamente por isso a cidade muçulmana é tão semelhante em todas as épocas e locais (MONTEQUIN, 1983, p. 47,¹ tradução nossa).

Destacam-se nas cidades muçulmanas as semelhanças que essas apresentam entre si, em nenhuma outra cultura é possível achar um senso de urbanismo tão forte (MONTEQUIN, 1983). O autor Loghod (1983) mostra que as cidades se parecem uma com as outras:

Apesar de não ser possível abordar uma única cidade islâmica, nota-se nas cidades que tiveram a presença da civilização islâmica, uma estrutura profunda na linguagem da expressão islâmica do espaço bem como um idioma recorrente que se adaptam a funcionalmente a estrutura comumente observada na cidade islâmica (LOGHOD, 1983, p. 65).

Essas características podem ser observadas pela morfologia semelhante, circulação com traçado irregular e tortuoso, e a presença de elementos comuns nessas cidades. Diante disso, questiona-se o que possibilitou essa identidade urbana tão forte? Esse questionamento pode ser respondido pelo fato do desenho urbano e a lei islâmica urbana serem baseados nos textos sagrados presentes no Alcorão, Hadith, entre outros. A partir desses textos é possível perceber a relação do Islã e o urbanismo. Diante disso, Hameed (1991) cria a hipótese que a cidade islâmica tradicional é um produto de um modelo que foi desenvolvido pelo profeta Maomé na comunidade de Medina:

Isto esboçava a forma de vida baseada nos princípios morais, éticos e comunitários contidos no Alcorão. A cidade, então, resulta da manifestação desse modelo. Enquanto a estrutura física refletia o espaço de relação, seu tratamento e seu centro refletia uma descentralização de poder e autonomia das comunidades que foi possível apenas por meio de uma estrita adesão de incumbências éticas e de responsabilidade sobre a vida urbana no Islã. Esse modelo pode ser descrito como um modelo de comportamento baseado nos princípios da unidade moral, relação social e responsabilidade ética (HAMMED, 1991, p. 65, tradução nossa).²

Dessa forma, o Alcorão e o Hadith dispõem a perspectiva da visão mais autêntica da cidade no Islã (HAMEED, 1991). Apesar do Alcorão não tratar especificamente sobre questões relacionadas à vida urbana, ele contém valores que orientam a vida dos fiéis, e princípios éticos e morais são usados também como guias para a modelação do espaço (HAMEED, 1991). Na lei islâmica todos os atos, incluindo o planejamento urbano, devem ser avaliados de acordo com os termos do sma

salih (bem social). Nesse aspecto, todos os fundamentos indicam que a meta da produção e conservação da lei islâmica é o bem comum universal de humanos e outros seres vivos juntos. Nos textos sagrados, nota-se que "a ênfase recai sobre a responsabilidade humana, comportamento ético e solidariedade comunitária aprimorando a participação dos habitantes locais na criação³ do ambiente" (HAMMED, 1991, p. 40, tradução nossa).

No Hadith, uma coletânea de dizeres atribuídos a Maomé, é possível notar uma forte marca do urbanismo. Isso acontece pelo fato desse texto se referir ao período de tempo que Maomé estava legislando em Medina. Esse texto é a base para a ética cotidiana, a unidade da comunidade e portanto, da elaboração de uma forma de vida individual e coletiva o que influencia no espaço urbano: "ao modelar as relações humanas baseadas nos princípios do Alcorão, modela-se o espaço e as interações que ocorrem nele" (HAMEED, 1991, p. 62, tradução nossa).⁴

Logo, os valores presentes no Alcorão são determinantes para entender as características da cidade árabe islâmica. A separação evidente no desenho urbano entre o espaço residencial e o espaço público é consequência de princípios presentes no Alcorão, que considera que o interior da casa é um lugar sagrado que deve ser protegido. A cidade tradicional muçulmana é baseada nesta privacidade e no aspecto religioso da vida (MONTEQUIN, 1983). A qualidade segmentada dessa cidade, gerada pela oposição do público e doméstico, junto com a suprema importância da religião, são os fatores que determinam as características da cidade islâmica.

Segundo Montequin (1983) a cidade muçulmana é funcional, e por isso é mais simples e modesta que as cidades gregas e romanas (MONTEQUIN, 1983). Essa simplicidade, no entanto, não deve ser interpretada como um retrocesso urbano. A ausência de alguns elementos presentes nas cidades europeias, como as áreas sociais comuns (ágora, teatro, estádios), se dava pela falta de necessidade desse tipo de espaço na comunidade Muçulmana uma vez que as interações sociais acontecem nas mesquitas e nos espaços semi privados.

Por fim, é importante ressaltar que a cidade tradicional muçulmana tem características comuns pois o desenho urbano deve seguir três princípios fundamentais: o de unidade moral, de relações sociais e de responsabilidade ética:

A unidade moral cria pontos sociais e religiosos de integração específicos na malha da cidade por meio da organização espacial da hierarquia das mesquitas. As relações sociais direcionam os espaços e os caminhos aos domínios públicos, residências e domésticos os quais levam a específicos tipos de agrupamentos formados ao redor de áreas que concentram determinado uso. A responsabilidade ética guia a responsabilidade do uso do espaço e a sua manutenção assim como o respeito do direito dos outros na comunidade (HAMMED, 1991, p. 65, tradução nossa).⁵

Ao seguir esses princípios, as cidades árabe-islâmicas apresentam uma morfologia urbana semelhante e elementos urbanos comuns. Nos tópicos a seguir, esses elementos característicos da morfologia das cidades islâmicas serão aprofundados e analisados.

2.1. CENTRO DA CIDADE ÁRABE-ISLÂMICA

De acordo com Piccinini (2009), a organização clássica da cidade árabe muçulmana consiste no grande centro composto por: mesquita principal, palácio ou cidadela, mercado, banhos públicos, escolas religiosas.

A mesquita pode ser considerada um dos elementos mais importantes da cidade islâmica, segundo Hammed (1991) a mesquita é o fator principal de organização da cidade islâmica, uma vez que ela possui um caráter central e unificador da sociedade. É a partir da Mesquita que as funções centrais e o mercado vão se organizando. Além de ser o lugar onde acontecem as orações e cultos, a Mesquita representa o espaço de interação social. "A mesquita para os habitantes representa não apenas um centro religioso, mas também um centro social, educacional e político. Essa natureza plural da mesquita foi traçada para a casa do profeta que cumpria essas funções múltiplas, tanto sagrada quanto secular (HAMMED, 1991, p.83, tradução nossa)".

Ao redor da Mesquita era comum ter a concentração de estabelecimentos comerciais, os souqs. Esses mercados se estendem pelas ruas principais (Figuras 1 e 2). Os souqs não são apenas áreas de intercâmbio comerciais, mas fundamentalmente espaços privilegiados de interações sociais e troca de informação e, portanto, de sociabilidade, assim como lugares de construção de identidades e de socialização (MELLO, 2004).

A ideia de designar uma área específica da cidade para o mercado começou com Maomé em Medina, sendo essa área próxima à Mesquita principal. Esse padrão foi então seguido pelas cidades de Amsar, al-Kufah, al-Basrah e al-Fustat, o mercado era desde o começo localizado no entorno da mesquita, tornando-se uma característica típica desse tipo de cidade (AL-Houthloul, 1975).

Nota-se também que em algumas dessas cidades era comum que parte do suq fosse coberto e que o mercado fosse dividido de acordo com zonas de produtos semelhantes (Figura 3). A partir do século IX/III, essas divisões já eram consideradas tradicionais nas cidades árabe islâmicas. Havia manuais que orientavam a subdivisão dentro dos mercados. Nesses manuais é possível observar alguns temas que baseavam os regulamentos: primeiro, o conceito de similaridade, produtos similares ficam próximos, segundo a frequência que os habitantes precisavam adquirir determinados bens, e por fim, evitar causar dano ou mal aos comércios ao redor, essa regra se aplica a produtos que são fonte de fumaça ou de mau odor (AL-HOUTHLOUL, 1975).

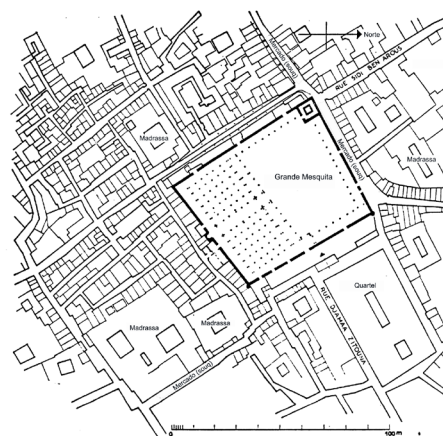


Fig. 16. Tunis. Plan of the Zaytunah mosque and the various markets within its vicinity. Source: Lezine, *Deux Villes d'Ifrîqiya*, op. cit., p. 156.

Figura 1 - Tunes: plano da Mesquita de Zaytunah e os vários mercados ao redor / Fonte: AL-HATHLOUL, 1975, p. 72.

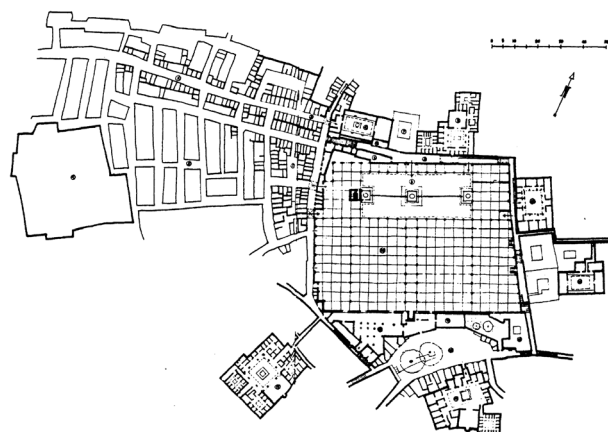


Figura 2 - Fez: Plano da mesquita principal e os mercados ao redor / Fonte: AL-HATHLOUL, 1975, p. 71.

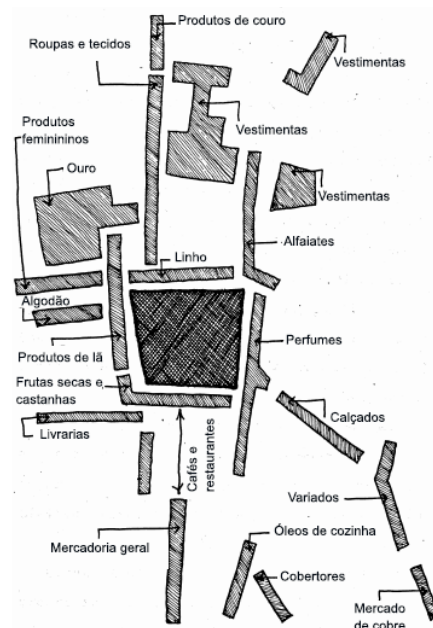


Figura 3 - Mesquita e Suq divididos / Fonte: Hakim, 1986, p. 85.

⁴Through its shaping of human relations based on Qur'an principles, shapes space and interactions in it HAMEED, 1991, p.62).

⁵Moray unity creates specific social and religious points of integration in the fabric of the city through the spatial organization of hierarchy of mosques. Social relations direct spaces and paths in public, residential and domestic domains and lead to specific kinds of cluster formation around concreted areas of use. Ethical responsibility guides responsible use of spaces and its maintenance as well as respect for the rights of others in the community (HAMMED,1991,p. 65).

Um dos poucos elementos semelhantes à cidade Islâmica tradicional e greco-romana é o banho público, Hamman. Segundo Piccinni (2009), os banhos surgiram por influência dos povos subjugados. No entanto, no Islamismo, esses banhos não eram associados ao lazer, ao cuidado pessoal ou encontro social como no contexto romano, mas sim lugares mais modestos dedicados à purificação do corpo antes de rituais religiosos. Por isso, esses banhos estavam localizados próximos ou até mesmo dentro do complexo que constituía a Mesquita. Outro elemento que era comumente encontrado nesses conjuntos é a Madrasa. Esse é um local para estudantes estrangeiros se desenvolverem na vida religiosa e aprender. As Madrasas surgiram no século XI, com o objetivo de se contrapor a influência das doutrinas estrangeiras (OLIVEIRA, 2015).

Em suma, nota-se que os centros das cidades islâmicas são muito compactos, sendo os principais elementos conectados por vias, que na maioria dos casos, são exclusivas de pedestres. A circulação é um elemento articulador importante na cidade islâmica e será aprofundado no próximo tópico.

2.2 CIRCULAÇÃO

A circulação na cidade islâmica é um dos aspectos que mais a diferencia em comparação às cidades romanas e ocidentais. Nessas cidades, o desenho começou a partir das estradas principais e, uma vez que o poder público foi assegurado das estradas, o espaço restante foi subdividido e distribuído para os indivíduos. Na cidade Islâmica, no entanto, o sistema de circulação exerce um papel secundário: as áreas públicas são desenvolvidas em espaços não ocupados pelas células residenciais (MONTEQUIN, 1983). Isso ocorre, pois a forma fundamental da clássica cidade islâmica é baseada no conceito de desenvolvimento do interior para o exterior, isto é, do espaço doméstico privado para o espaço urbano público, exterior (MONTEQUIN, 1983).

No Islamismo a privacidade tem grande importância na sociedade e por isso, o desenho urbano separa claramente a casa da privacidade do exterior comum. Nesse caso, nota-se nas residências a ausência de aberturas para a rua: "tal processo de desenvolvimento da casa para a rua denota uma atitude urbanística que é mais vital, funcional e humanamente orientada que a atitude que prevalece na cidade ocidental" (MONTEQUIN, 1989, p.49, tradução nossa).⁷ Na sociedade muçulmana o planejamento urbano tem como objetivo manter a privacidade, proteger a estrutura familiar, enquanto indiretamente protege a propriedade e a religião.

Há uma diferença entre a circulação na área central e nos núcleos residenciais. A zona central é atravessada por vias largas e regulares, elas compõem a esfera pública da cidade e geralmente abrigam o comércio (OLIVEIRA, 2015). Essas vias são chamadas de artérias, elas são abertas em suas extremidades e "devem ser largas o bastante para permitir a passagem de dois camelos carregados" (HAKIM, 2008, p. 76). Diante disso,

nota-se que era habitual em cidades islâmicas o uso de animais como forma de transporte de pessoas e carga, a ausência de veículos de roda gera uma demanda de sistema de circulação diferente (MONTEQUIN, 1989).

Já os núcleos residenciais, fora da zona central, "são fechados, se comunicando com o exterior por uma via única principal, darb, que se ramifica em direção ao interior em vielas irregulares que terminam em cul-de-sacs" (RAYMOND, 2008, p. 62). É interessante ressaltar que de acordo com as leis islâmicas os cul-de-sacs são espaços privados, e que é acessado por portões que controlam a circulação (HAKIM, 2008).

Os becos são presentes nas áreas residenciais da cidade, de acordo com Correia (2008), o beco emerge como elemento caracterizador do tecido islâmico e como arquétipo do pensamento urbanístico. Como comentado anteriormente, os becos são considerados propriedade privada e pertencem aos moradores da área. Esse modelo urbano traz maior privacidade às residências, pois além de controlar o fluxo de pedestres, reduz as vistas das casas pela via pública, fechando a habitação do exterior. De acordo com Safe (2015) "a escala, a forma e o conceito que permeiam a formação dessa estrutura agregam características que evidenciam a formação do sentido de comunidade na escala do bairro" (SAFE, 2015, p. 88). Na figura 4 é possível observar a hierarquia viária e os becos em destaque.

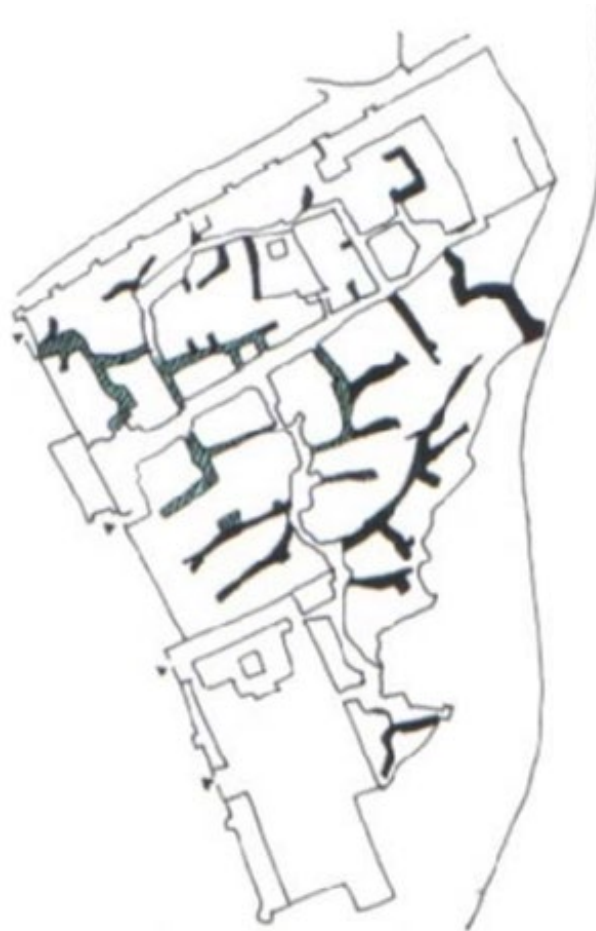


Figura 4 – Formação do plano urbano na kasbah de Mehdiya (Kasbah dos Oudayas): hierarquia viária
Fonte: Mohamed Ikbal BEKRI; Monia EL-EUCH. LA CASBAH DES OUDAIAS: Sauvegarde et mise en valeur.

⁶The mosque represented to the inhabitants of the city not only the religious center, but also the social, educational and political center. This pluralistic nature of the mosque is traced to the prophet's house that fulfilled a multiplicity of functions, both sacred and secular (HAMMED, 1991, p.83).

2.3 ZONA RESIDENCIAL

De acordo com o Alcorão, a vida familiar deve dispor de um alto nível de privacidade e de proteção visual do exterior (HAMEED, 1991). A preocupação em proteger a casa do exterior reflete na organização urbana da cidade árabe islâmica uma vez que “a prática espacial da cidade obedece a uma lógica de distintos níveis de abertura ou fechamento que se inscrevem na vida cotidiana. A configuração final define zonas residenciais quase inacessíveis a um passante que percorre as vias principais. A própria estrutura dos souks define o espaço exterior e protege do olhar estrangeiras, as zonas residenciais” (OLIVEIRA, 2015, p. 22).

A zona residencial situa-se ao redor do centro e se configura a partir do sistema chamado khittah (que era uma unidade de planejamento baseado no já existente sistema de divisão de terras das tribos árabes). Nesse sistema cada tribo definia o próprio Khittah e esse território era coletivo. Depois era feita uma subdivisão de acordo com a necessidade de cada membro da tribo (AL-HATHLOUL, 1975). Essa configuração espacial baseada na estrutura de clãs familiares prevalece na cidade islâmica ao longo de sua história:

O conceito de família estendida entre a sociedade islâmica levou ao aprimoramento dos laços sociais e da comunidade. O bairro na cidade Islâmica representa a multiplicidade de famílias [...]. As famílias que o habitam apresentam não apenas uma apertada e estruturada unidade física, mas também uma unidade social e comum. O espaço familiar privado gradualmente se direciona ao espaço semi privado da família estendida que permite liberdade de trocas entre kith e kin (HAMEED, 1991, p. 78, tradução nossa).⁸

A disposição desses espaços residenciais manifesta as relações entre a família e a comunidade. “A casa (dar) é como um embrião de um pequeno vilarejo (douar), no qual, assim como no primeiro, o espaço é partilhado por clãs familiares” (BERARDI, 2008, p.274 apud OLIVEIRA, 2015, p. 20).

Para compreender melhor como se dá a formação desses espaços, pode-se analisar a etimologia das palavras em árabe relacionadas à área residencial “iskan”, “harim” e “dar”. De acordo com Bianca (2000) a palavra iskan significa habitação, “a conotação etimológica evoca o ideal de um ambiente pacífico e protegido de intrusões inapropriadas” (BIANCA, 2000, p. 74, tradução nossa). O significado da palavra “harim” no contexto residencial enfatiza o aspecto inviolável do domínio privado. A forte relação entre a arquitetura e a sua função social nas palavras “dar” e “bait” que significam casa (físico) e clã familiar.

Essa importância para preservar a privacidade das residências influencia fortemente na morfologia urbana das cidades islâmicas. Conforme já discutido anteriormente, as ruas tendem a ser mais estreitas nas áreas residenciais a fim de controlar o fluxo de pessoas e assim manter a privacidade, além da presença de ruas que são fechadas para o acesso público.

⁷Such a process of development from house to traffic ways denotes an urbanistic attitude which is more vital, functional and humanly oriented than that prevalent in the western city.

⁸The concept of extended family among Islamic societies led to the enhancement of social and communal ties. The neighborhood in the Islamic city represented a multiplicity of families[] The families within it presented not only a tightly structured physical unit, but also social and communal one. Private family space gradually moved into the semi-private extended family space that allowed for freedom of inter-mixing between kith and kin.

As seções individuais e as ramificações separadas e conectadas por portões interiores que preservavam a integridade territorial de várias subcomunidades. Juntando unidades individuais, seja elas casas ou agrupamentos, não era uma questão apenas de justaposição, mas implicava uma assimilação estrutural na qual passo a passo absorveria e incorporaria blocos inteiros de edificações em um espaço urbano maior (BIANCA, 2000, p.150, tradução nossa).¹⁰

Essa integração progressiva das unidades não seria possível se não fosse pelo sistema de composição celular presente nessas cidades. Esse sistema interconecta os arredores com os sistemas de circulação fechados em diferentes níveis hierárquicos da estrutura urbana. A figura 6 apresenta um diagrama dessa composição celular, demonstrando um módulo residencial básico e como ele se configura, além da aplicação desse tipo de composição em outras áreas da cidade, como no mercado e na mesquita. A repetição desses padrões de clausura em diferentes regiões da cidade, e a junção desses agrupamentos resulta na estrutura complexa típica das cidades islâmicas.

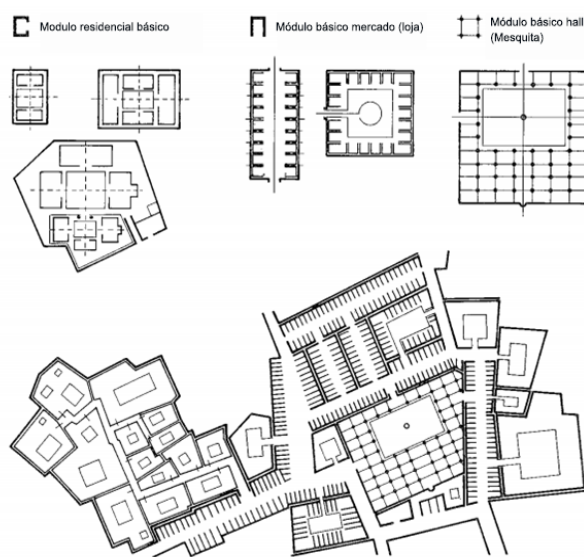


Figura 5 - Diagrama exemplificando a composição celular da malha urbana de Maghreb / Fonte: Bianca, 2000, p. 150.

É importante destacar que os agrupamentos residenciais são componentes urbanos determinantes nas cidades islâmicas, uma vez que, além de serem dominantes no aspecto quantitativo, a atitude das sociedades islâmicas em relação a instituições civis e a ênfase relativamente baixa em edificações monumentais públicas (BIANCA, 2000). Além disso, a área residencial é o elemento mais complexo da forma urbana das cidades islâmicas.

Em síntese, é possível perceber que as áreas residenciais refletem crenças e tradições importantes para a sociedade islâmica. De acordo com Eickelman (1974), as pessoas e as casas se vinculam através de um senso mútuo de “qraba” ou de proximidade. A palavra

“qraba” além de simbolizar família e laços afetivos, refere-se também a relações entre patrão – cliente, e alianças entre bairros e facções (GODDARD, 1999, p. 76). Esse senso de “qraba” pode ser expandido e aplicado para regiões além das áreas residenciais.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os povos islâmicos são povos que desde o início da religião constituíram agrupamentos que evoluíram e tornaram-se cidades. Essas cidades islâmicas têm um traçado e uma morfologia urbana características que são resultados da cultura e religião dos povos islâmicos. Apesar dos povos islâmicos terem ocupados diversos territórios em diferentes continentes, é possível notar essas semelhanças no urbanismo islâmico devido a presenças de leis e textos religiosos, como o Alcorão e o Hadith, que serviram como base para a construção dessas cidades e de valores culturais e religiosos que são expressos na forma que o espaço da cidade é organizado.

A constituição do centro da cidade com a Madrasa e o Suqs sendo os principais elementos revela a importância da religião e do comércio para esses povos. Esses espaços além de exercer um papel funcional, são usados também como espaços de socialização.

A hierarquia viária reflete que essas cidades são pensadas na escala do pedestre e a largura das ruas é uma forma de controlar o fluxo delas. As ruas que no centro são mais largas e se afinam quando próxima a áreas residenciais demonstra isso. Além disso, a presença de becos e cul-de-sacs são comuns nas áreas residenciais, sendo esses espaços controlados pelos habitantes da vizinhança.

A organização das áreas residências advém de um sistema de organização territorial baseado em clãs, que mantém as casas de uma mesma família próxima tendo um pátio interno como espaço de convivência. As residências são organizadas voltadas para esse pátio interno e fechadas para o exterior, isso evidencia a importância de manter a privacidade e de proteger a residência e o espaço familiar da parte exterior.

Em suma, o traçado da cidade islâmica é influenciado pela religião e reflete os costumes e crenças do povo islâmico, sendo constituída de forma melhor para atender as demandas do cotidiano deles. A organização do espaço se dá por um sistema de composição celular, desde as residências às pequenas lojas que configuram os Suqs, o que gera uma forma orgânica tradicional nas cidades islâmicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AL-HATHLOUL, S. A., Tradition, Continuity, and Change in the Physical Environment: The Arab-Muslim City. Unpublished Ph.D. Thesis, Department of Architecture, MIT, 1981.
- BIANCA, Stefano. Urban Form in the Arab World - Past and Present. Zurich: vdf, 2000.
- COSTA, Stael de Alvarenga Pereira; NETTO, Maria Manoela Gimmler. Fundamentos de Morfologia Urbana. Belo Horizonte, Minas Gerais: C/Arte, 2015
- DINIZ, Mariana Pizzo; OLDONI, Sirlei Maria. Aproximações teóricas: morfologia urbana como instrumento de análise da evolução das cidades. Anais do 14º Encontro Científico Cultural Interinstitucional, v. 4, 2016.
- EICKELMANN, Dale. Is There an Islamic City? The Making of a Qumter in a Moroccan Town. International Journal of Middle East Studies. 1974, pp. 274-294.
- GODDARD, Cedrik Christopher. The Question of the Islamic City. 1999. Tese de Doutorado. McGill University Libraries.
- HAKIM, Besim Selim. Arabic Islamic Cities Rev: Building and Planning Principles. Routledge, 2013.
- HAMEED, Shabana. Evolution in the design of Islamic cities. 1991.
- LAMAS, José Manuel Rossano Garcia. Morfologia urbana e desenho da cidade. 2. ed., Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- LOGHOD, Janet Abu. Contemporary relevance of Islamic Urban Principles. In: GERMEN, Aydin. Islamic architecture and urbanism. Dammam: 1983. pp. 64
- MARÇAIS, William. L'islamisme et la vie urbaine. In: Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles Lettres, 72e année, N. 1, 1928. pp. 86-100;
- DE MELLO, Pedro Paulo Thiago. Mercadores de significados: O bazar como porta de entrada ao universo marroquino. 2004
- MONTEQUIN, François-Auguste de. The essence of urbanism existence in the world of Islamism. In: GERMEN, Aydin. Islamic architecture and urbanism. Dammam: 1983. pp.43
- OLIVEIRA, Tales Lobosco. Percursos e Redes Urbanas: uma Abordagem Morfológica do Espaço Urbano nas Cidades Árabes. Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, v. 15, n. 2, p. 25-25, 2015.
- PICCINI, Andrea. Arquitetura do oriente médio ao ocidente: a transferência de elementos arquitetônicos através do Mediterrâneo ate Florença. São Paulo: Annablume, 2009. 159 p. ISBN 9788574199641.
- RAYMOND, André. La ville arabe, Alep, à l'époque ottomane: (XVIe-XVIIIe siècles). Presses de l'Ifpo, 2014.
- REGO, Renato Leão; MENEGUETTI, Karin Schwabe. A respeito da morfologia urbana. Tópicos básicos para estudos da forma da cidade. In: Acta Scientiarum Technology, v.33, n.2, p. 123-127, Maringá, 2011. Disponível em: < http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Acta_Sci_Technol/article/viewFile/6196/6196>. Acesso em: 18 abr. 2017.
- SAFE, Simone Marques de Sousa. Tradição e vida social na forma urbana da Kasbah dos Oudayas e Medina de Rabat. 2015.
- VON GRUNEBBAUM, Gustave E. Medieval Islam: a study in cultural orientation. [S. l.]: University of Chicago Press, 1946. 378 p. ISBN B007GAGRRC.

⁹ Its etymological connotations evoke the ideal of a peaceful environment protected from inappropriate intrusions (BIANCA, 2000, p. 74).

¹⁰ The individual sections and ramifications being separated and connected by interior gates that preserved the territorial integrity of the various sub-communities. Joining individual units, whether houses or clusters, was not a matter of loose juxtaposition but implied a structural assimilation which would step by step absorb and incorporate entire building blocks into the larger urban space (BIANCA, 2000, p.150).

Projeto DIST II a experiência em Campinas: uma escola de transformação para comunidades empreendedoras¹

AUTORES

Dr^a. Gabrielle Astier de Villatte Weatley Okretic
Arquiteta e Urbanista / Docente de Arquitetura e
Urbanismo na Fundação Ieducare e
Coordenadora do Programa de Pós- Graduação em
Arquitetura e Urbanismo, Centro Universitário Inta-
UNINTA (Sobral-CE)

Dr^a. Laura Machado de Mello Bueno
Arquiteta e Urbanista / Docente de Arquitetura e
Urbanismo, PUC-Campinas

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar uma reflexão em relação às formas de atuação em conjuntos habitacionais recentes. Até que ponto são efetivas ações sociais no pós ocupação? Até que ponto ações comunitárias têm um efeito duradouro em programas habitacionais com problemas estruturais? Estas são algumas das perguntas, não com a pretensão de esgotar as reflexões ou o diálogo que decorrem delas, que nos mostram, de forma empírica, experiências em conjuntos habitacionais recentes de Campinas-SP.

Em decorrência de todos os problemas causados pelo Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV), tanto sociais como arquitetônicos e urbanístico, a CAIXA Econômica Federal lançou em 2013 um programa chamado DIST – Desenvolvimento Integrado Sustentável do Território. A seleção dos projetos contemplados acontece por meio de chamada pública e são contempladas instituições com experiência comprovada. Empresas privadas podem participar como parceiras estruturantes, como foi o caso da Demacamp em Campinas. A cidade de Campinas possui 3 grandes empreendimentos que foram realizados pelo PMCMV, e, por conta das dificuldades em relação à interação dos moradores com o lugar e a quantidade de reclamações recebidas, a cidade foi contemplada duas vezes pelo DIST. O DIST II inaugurará uma parceria na implementação, entre o Instituto Elos e a empresa Demacamp,² como executora e parceira estruturante respectivamente. Ambas participaram do DIST I, conseqüentemente possuíam um acúmulo de experiência, em virtude dos anos de trabalhos realizados no âmbito urbano social.

O contrato entre as entidades foi estabelecido com o Fundo Socioambiental da CAIXA com vigência prevista de 2016 até julho de 2018, porém, o projeto na prática, se estendeu até meados de agosto de 2018.³

O DIST II Campinas combinou a realização bastante detalhada da leitura integrada socioterritorial dos empreendimentos, com a mobilização social e intervenção nos mesmos, afinal, “é na escala local, e em particular intraurbana, que as reestruturações podem se fazer de modo mais completo” (SOUZA, 2016, p.107).

A segunda edição do DIST em Campinas teve como objetivo buscar a transformação dos residenciais a partir dos sonhos que os moradores têm para o seu bairro, fortalecendo o senso de comunidade por meio de cursos, oficinas, encontros, projetos comunitários, fomentando parcerias locais e na criação de oportunidades de integração entre os residenciais e a cidade de Campinas. Incentivando um processo de mobilização comunitária, apoiando os moradores a se tornarem agentes ativos na transformação do território, sendo responsável pela melhoria das condições urbanas, ambientais, econômicas, sociais, políticas e institucionais, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida das famílias através da materialização de sonhos comuns utilizando a metodologia Elos³.

ESCOLA DE TRANSFORMAÇÃO PARA COMUNIDADES EMPREENDEDORAS

O nome Escola de Transformação para Comunidades Empreendedoras carrega em si múltiplos significados. A ideia de Escola tem a ver com aprendizado, mas a proposta do DIST II Campinas é que esse aprendizado aconteça “fora das salas de aula”, ou seja, nas ruas, espaços públicos ou comuns, trazendo o sentido de que todos temos algo a compartilhar, seja pelo o que aprendemos nas escolas, universidades, trabalhos, seja através de nossa própria história de vida. Todo momento é uma oportunidade de aprender e trocar saberes, algo bastante defendido na filosofia de Paulo Freire, “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 1996 p. 25).

A palavra transformação sugere, através dessas trocas, que haja uma modificação, tanto no aspecto pessoal como no espaço em que as pessoas vivem. E, por fim, o termo comunidades empreendedoras propõe uma pró atividade que promova um protagonismo local, para que tais transformações se realizem permanentemente, tanto no bairro como na vida das pessoas de maneira

¹ Texto feito à partir da tese de doutorado de autoria de Gabrielle Astier de Villatte Weatley Okretic, defendida em fevereiro de 2020, intitulada “Áreas públicas em conjuntos habitacionais recentes: ações para fortalecer a auto-estima e concretizar o pertencimento ao lugar por meio do protagonismo dos moradores”, orientada pela professora Doutora Laura Machado de Mello Bueno.

² Instituto Elos (ELOS BRASIL) é uma organização sem fins lucrativos que trabalha com mobilização social desde 1999, tendo atuação em diversas localidades do país (e fora também), em diferentes contextos. É responsável pelo desenvolvimento de metodologia de mobilização comunitária inovadora, que foi aplicada no projeto aqui referido.

autônoma.

Escola de Transformação, funciona, metodologicamente, através de 3 formas que evoluem e permeiam todo o processo, operando de maneira transversal e simultânea para realização das atividades propostas pelas entidades. São elas:

Mobilização, Formação e Realização.

- A mobilização consiste em convidar pessoas, instituições para atuação de em conjunto para fazerem parte das atividades programadas e contribuir com ideias, vontades e recursos para os planos e ações desenvolvidas;

- A formação proporciona a troca contínua de conhecimento e experiências entre os participantes envolvidos e convidados externos um processo contínuo de construção coletiva de sonhos, planos e ações comunitários, uma prática, por assim dizer, conceitualmente freiriana no que tange a ação;

- A realização: é o que diz respeito a parte prática, o "fazer acontecer", a união dos saberes locais e os recursos disponíveis para alcançar os resultados em cada ação.

As ações aconteceram em 4 ciclos de aprendizagem que ocorreram cronologicamente de forma resumida em:

- Análise e conexão: que compreendeu o diagnóstico urbanístico, encontros e reuniões para o estabelecimento das primeiras parcerias;

- Mobilização e impulso: foram as visitas feitas nos bairros com a finalidade de reunir pessoas em torno de um sonho comum, apoiar a formação de grupos comunitários para a realização de projetos;

- Ação e formação: apoio realizado aos projetos comunitários e suas ações - essa etapa permeou todo o processo;

- Consolidação e avaliação: apoio a projetos selecionados em edital, assessorias técnicas especializadas, com a construção, o acompanhamento, o planejamento e avaliação dos projetos;

- ações comunitárias, uma prática, por assim dizer, conceitualmente freiriana no que tange a ação;

- A realização: é o que diz respeito a parte prática, o "fazer acontecer", a união dos saberes locais e os recursos disponíveis para alcançar os resultados em cada ação.



Figura 1 - Ilustração das tres formas integrativas da Escola de Formação. Fonte: Elos, Demacamp.

O DIST II CAMPINAS - ESCOLA DE TRANSFORMAÇÃO PARA COMUNIDADES EMPREENDEDORAS NOS 3 BAIRROS EM CAMPINAS

O Instituto Elos em conjunto com a Demacamp elaborou um cronograma de atividades para a Escola de Transformação visando à implementação de caráter tanto sustentável, quanto sustentado numa organização prévia de procedimentos estrategicamente visados para o sucesso das intervenções:

³Ainda que a sede da associação não faça parte das ações previstas no DIST, ela pôde acontecer devido a diversas ações realizadas durante a execução do projeto.

⁴Desenvolvida pelo Instituto Elos.



Figura 2 - Cronograma das atividades para os dois anos de Projeto / Fonte: Elaboração Francina Buonanotte, 2019.

O Diagnóstico urbanístico foi feito com a utilização de dados da Prefeitura Municipal, da Sanasa, Setec, Setrans, bem como visitas a campo, para a realização de uma leitura socioterritorial com o objetivo de realizar uma leitura técnica integrada do território (urbanístico, econômico, ambiental e social) dos residenciais, sua inserção na cidade e região. Após a finalização do diagnóstico foram feitas apresentações em cada condomínio, para fins didáticos, tanto para que os próprios moradores, técnicos e outros agentes, conhecessem mais o bairro e suas potencialidades, como para validar as informações neles contidas. Essas apresentações foram realizadas em janeiro de 2018. Nesse sentido, através do conhecimento técnico do território os agentes técnicos e os moradores puderam se conscientizar da dimensão da territorialidade que

[...] se manifesta en todas las escalas, desde las relaciones personales y cotidianas hasta las más complejas relaciones sociales. Ella se fundamenta en la identidad y en la presencia de un valor cultural que resiste a la reapropiación del espacio, de base territorial. La malla territorial vivida es una manifestación de las relaciones de poder, de la oposición de lo local a lo universal [...]
(JÁUREGUI, 2012, p. 33)

No tocante às articulações estratégicas, foram realizados contatos e reuniões com diferentes instituições para a apresentação da Escola de Transformação. Dentre as instituições de caráter público e privado que foram contatadas e firmaram algum tipo de parceria, destacam-se: a Fundação Educar DPaschoal⁵, a FEAC⁶ e a Rede Minha Campinas.

As instituições de esfera pública constatadas no âmbito municipal foram as Secretarias Municipais: de Habitação, de Trabalho e Renda, Esporte e Lazer, de Cultura, de Convênios, de Gestão e Controle e de Serviços Públicos, bem como a Cohab Campinas, através do corpo de assistentes sociais responsáveis pelo TTS nos bairros, dentre outras. Algumas das Secretarias sinalizaram a possível parceria, porém nem todas efetivaram de fato. Merece destaque aqui a parceria realizada com os Correios por meio de doações de roupas e acessórios para um dos grupos de artesanato apoiados pela Escola de Transformação, no Jardim Bassoli.

No âmbito federal foram realizadas articulações com o Ministério Público Federal, devido aos TACs (Termos de Acordo e Compromisso) existente nos três bairros, inaugurando um diálogo entre o promotor público, os moradores dos residenciais as Secretarias Municipais de Convênios, de Gestão e Controle, de Serviços Públicos e

⁵ Criada em 1989, a Fundação Educar DPaschoal é o investimento social privado da Companhia DPaschoal. (<http://www.educardpaschoal.org.br/>). A fundação apoiou o envolvimento de mais de 100 jovens para o mutirão da Vivência Oasis no Jardim Bassoli.



do residencial. Durante todo o processo as parcerias buscaram ser coadunadas com a ideia de redes de tecnologia social consistindo em

“[...] uma rede democrática, dialógica, inclusiva e que, ao influenciar o processo de elaboração de políticas públicas, fomentar e articular diversos agentes de desenvolvimento em ações complementares e sustentáveis, ela contribua para o enfrentamento do problema social brasileiro.” (FONSECA & SERAFIM, 2010).

As apresentações dos diagnósticos realizados em cada bairro já deram algumas pistas sobre o que os moradores gostariam que fosse feito no bairro. Tanto no Abaeté como no Sirius a carência de espaço de lazer para jovens e crianças, e a ausência de atividades para idosos foram bastante enfatizadas. Porém, foi durante a Jogo Oásis que foram delineadas as propostas de ação, bem como selecionados os lugares viáveis para a intervenção feita em mutirão.

EVENTOS DA ESCOLA DE TRANSFORMAÇÃO

Não descreveremos aqui todas as atividades realizadas no âmbito da Escola de Transformação, mas focaremos no Jogo Oasis, que foi um dos pontos altos do projeto.

O JOGO OÁSIS

O Jogo Oásis compreende 7 passos ou disciplinas, conforme a imagem abaixo, correspondendo ao núcleo mobilizador da metodologia Oásis, que são: o olhar, o afeto, o sonho, o cuidado, a mão na massa (realização), celebração e re-evolução. Cada passo desses é feito através de atividades que propõem uma mudança na percepção pessoal e do mundo. Trata-se de ferramentas e metodologias participativas para se construir o caminho que será trilhado e, ao fim, a concretização da ação efetiva no território.

A Vivência no Residencial Sirius foi realizada concomitantemente com a vivência na Vila Abaeté, tendo iniciado as suas atividades no final do mês de janeiro de 2017. No Sirius, participaram no total de toda a vivência 20 pessoas, e no Abaeté cerca de 30 pessoas¹³. Nos mutirões (ou encontros abertos), houve a participação de cerca de 200 pessoas em cada bairro.

No mês seguinte, no início do mês de maio de 2017, ocorreu a Vivência no Jardim Bassoli, que contou com a participação de 24 pessoas, dentre elas, colaboradores de organizações sociais¹⁴, moradores dos residenciais, profissionais interessados em conhecer a metodologia e estudantes de Campinas e região. Os encontros abertos tiveram maior número de participantes, pois contou com um final de semana a mais de mutirão, em comparação

representantes do DIST II Campinas, com a finalidade de

“negociar os termos firmados e os interesses dos moradores, para viabilizar o cumprimento das obrigações legais e sociais assumidas pelo poder público municipal, e pelo setor privado, na forma das incorporadoras responsáveis” (ALESSIO, 2017, p. 156).

Até a presente data, final do semestre de 2019, mais de um ano após a conclusão do projeto, esse diálogo se mantém. Alguns avanços foram alcançados, como por exemplo, a efetivação da construção do centro de saúde no Jardim Bassoli, e a determinação da implantação, por parte da construtora, do sistema de lazer 1 do Abaeté.

Outras parcerias realizadas foram com algumas instituições locais de ensino básico e superior, destacando a Escola Veredas⁹, alguns grupos e laboratórios da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas)¹⁰ e da PUC-Campinas¹¹.

Hoje alguns desses contatos derivaram-se em ações periódicas de envolvimento contínuo, como é o caso do grupo PET (Programa de Educação Tutorial)¹² no Residencial Sirius, que auxilia a pensar em formas de reorganização projetual dos comércios em torno



Figura 3 – Passos do Jogo Oasis/ Fonte: Instituto Elos, s/d.

com os outros bairros¹⁵.

Cada passo da Filosofia é vivenciado através de dinâmicas que buscam trazer sentido para aquele momento. O primeiro passo, o **OLHAR**, trata-se da busca de exercitar uma nova postura do sentido sensorial da visão, despertando o olhar da abundância, ou seja, um olhar positivo e apreciativo do empreendimento, de si mesmo, do entorno, dos espaços ao redor e do bairro. Para isso, foram utilizadas atividades que combinam a percepção sensorial, para encorajar “novas” ou “diferentes” formas de ver o território, desfazendo-se da maneira convencional, que reproduz um olhar “desatento”, ou atento apenas aos problemas.

Os participantes são encorajados a identificar os recursos locais reconhecendo as belezas existentes no bairro, desde as coisas mais sutis, como texturas, cheiros, cores, enfeites e flores, às mais complexas ou abrangentes, como alguma atividade realizada em coletivos no momento flagrado de observação: crianças brincando, ou alguma atividade outra. Esta percepção das qualidades e do reconhecimento dos talentos pessoais e locais, bem como dos recursos disponíveis, serão essenciais para as etapas posteriores. Trata-se portanto de atingir fins éticos e políticos mediante uma ocupação prévia com dimensão estética, entendendo-a como

[...] lo que “existe con”, a lo que mantiene junto, a lo que hace lazo entre los cuerpos. La pulsación del cuerpo incide en el acto proyectual desde la formulación de ideas y croquis iniciales como interacción entre la interpretación de la estructura del lugar y el procesamiento de las demandas hasta la transformación en configuraciones volumétrico-espaciales, con elaborado tratamiento formal de la relación interior-exterior [...] (JÁUREGUI, 2012, p. 73)

No momento subsequente ao passo do olhar, os participantes foram encorajados a estabelecer algum tipo de conexão através do **AFETO** com os moradores daquelas comunidades. Além das belezas e dos recursos, buscou-se quem está por trás deles, ou seja, das histórias que existem para ser contadas no território. Foi através desse passo que as pessoas motivam-se a conhecer os talentos e as histórias dos moradores que compõem aquele bairro. Para que isso aconteça, os participantes do Jogo são encorajados a conversar com os moradores sobre os seus sonhos e, assim, conectarem-se com o passo seguinte, que é justamente a identificação de sonhos coletivos para o bairro.

Nesse momento foram criados espaços para que as pessoas pudessem se expressar e imaginar, livremente, o que julgariam desejável acontecer para que o bairro se tornasse melhor para se viver.

¹⁵ A Rede Minha Campinas é uma rede de pessoas, moradoras de Campinas, conectadas e engajadas na construção de processos mais participativos nas tomadas de decisão de interesse público da cidade. Por meio de mobilizações e fomento a comunidades de ação, utilizam de tecnologias sociais e digitais de forma estratégica, criativa e humana. (<https://www.minhacampinas.org.br/>) Integrantes da Rede se fizeram presentes na Vivência Oasis no Residencial Sirius e em oficinas comunitárias.

celebração

RECONHECEMOS E CELEBRAMOS a contribuição de cada um na conquista coletiva



re-evolução

E EVOLUÍMOS NA JORNADA, impulsionando a **CONSTRUÇÃO DE NOVOS SÓNHOS!**



OS A
ASSA,
para
o que
ntos

Conhecer as histórias existentes por trás das pessoas, pode fazer com que nos aproximemos dos processos coletivos, os humanizando, diminuindo as distâncias que existem entre os moradores, os técnicos, ou os participantes vindos de fora. Todo mundo tem uma história e todos têm algo a ensinar com elas.

Uma das formas de construção do conhecimento acerca de um determinado local e sua dignidade, é a construção de sua história, e uma das maneiras de fazer isso é construindo a história a partir dos seus moradores.

“E uma coisa que todo mundo sabe é dasua história. Agora, quando você conta a sua história escutando a história de outros, aí você percebe a História - com”H”maiúsculo...” (FREIRE e BETO, 1985, p. 84, 85).

No que Freire e Beto chamam de Metodologia Dialética, o ponto de partida não é o saber do educador, que no caso aqui seria o saber puramente dos técnicos, mas sim da prática social dos educandos” (1985, p. 77). Nesse sentido, toda leitura é sempre a partir da realidade do sujeito e do contexto em que se encontra.

“O aprendizado comum, que liga teoria e práxis, só se dá a partir da realidade coletivamente refletiva” (1985, p. 77).

sonho

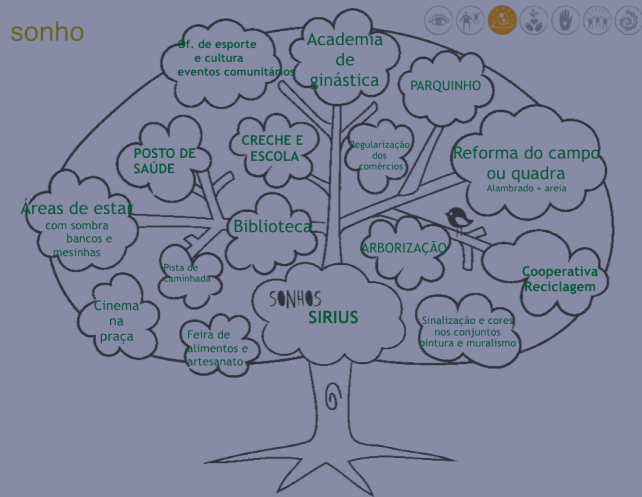


Figura 4 – Árvore dos Sonhos elaborada no Residencial Jd. Bassoli/ Fonte: Acervo Elos Demacamp, 2017.

Ao ouvir as histórias das pessoas, valoriza-se o conhecimento da comunidade acerca de sua realidade: a história de vida de cada pessoa tem a mesma importância. A memória, portanto, pode ser considerada um processo vivo, passível de renovada construção.

O conhecimento das histórias e dos anseios pessoais sobre o lugar onde se vive, permite identificar o Sonho, ou os sonhos comuns ou coletivos. Durante esse passo, os moradores são encorajados a elaborar a árvore dos sonhos da comunidade, um conjunto de projeções factíveis que receberão a atenção coletiva para sua realização.

Nesse momento emerge o caráter utópico com mais força, o forjamento da utopia como alternativa de modulação mental, devendo necessariamente diferenciar o caráter dessa alternativa, pois não se trata de uma utopia “sem objetivos definidos”, mas sim portadora projetiva de “reconstrução com uma finalidade” (MUMFORD, 2007, p.23).

Dentro do passo do **SONHO** cabe destacar o protagonismo das crianças nos três bairros. Quando se fala em sonhos, algo que parece ser bem distante em muitas pessoas, percebemos que as crianças se conectam muito mais facilmente com a proposta de sonhar.

Cada comunidade desenha a sua própria árvore dos sonhos e a partir dela, em reunião comunitária são eleitos aqueles que serão levados a cabo durante os dois dias de mutirão em fase posterior. Esse é o passo do **CUIDADO**, que busca, planejar (o que e como será realizado) e promover a administração das expectativas, para que nem aquelas que não são imediatamente alcançáveis, nem as alcançáveis que por ventura resultem em insucesso, desanimem os participantes para realização de ações futuras.

⁸Ainda que existente nos 3 bairros, foram levados ao MPF os casos do Jardim Bassoli e do Vila Abaeté.

⁹Escola com a filosofia Waldorf. Realizou ações pontuais, como oficinas na praça realizada no Sirius, envolvendo alunos, professores e moradores.

No passo do Cuidado, maquetes/projetos são confeccionados coletivamente com os participantes e se discute, junto à comunidade, qual o local mais adequado para ser feita a intervenção no bairro, e também são levantadas possíveis parcerias para realização do mutirão, como doações de materiais, recursos e talentos disponíveis. Aqui os participantes visualizam o que será construído coletivamente. Nesse passo também se separam previamente algumas frentes de trabalho para cada atividade que está sendo planejada.

Nessa etapa acontece o Encontro de Projeto, que consiste no momento de definição das prioridades que serão executadas em dois dias de mutirão, trata-se do momento exato em que se busca encontrar o melhor

local para fazer a intervenção.

Portanto, é nessa ocasião que se abre o espaço para que haja novamente uma interação criativa entre os participantes da vivência e a comunidade, ao apoiar ou rejeitar a expressão dos sonhos para o bairro e seu local de efetivação.

Esses encontros promovem grandes aprendizados para todos, uma vez que exige o exercício de escuta, da compreensão de opiniões divergentes, a busca por consenso nos temas polêmicos e integração das atividades que atingem a diversidade nos grupos etários da comunidade, bem como, o desapego a certas opiniões e vontades individuais que não contemplam o coletivo.

CUIDADO

Maquete 1 - Espaço do campo



Figura 5 - Maquete feita pelos moradores do Residencial Sirius/ Fonte: Elos, DEMACAMP, 2018.

Durante todo o passo do Cuidado, os participantes são convidados a pensarem não apenas no que será feito, mas no como será feito o que foi pensado e planejado, portanto são encorajados a colocarem à disposição os seus talentos, e a buscarem formas para conseguir os recursos materiais para concretização dos sonhos elaborados. Nesse momento os participantes se dividem em grupos e se mobilizam para conseguir doações de lojas de materiais de construção, mudas de árvores, alimentos para serem feitos no dia do mutirão, entre outras coisas indispensáveis para o sucesso do empreendimento, dessa forma a associação entre os agentes envolvidos

promove a organização que “[...] é uma estruturação estratégica da ação coletiva que visa oferecer soluções específicas para concretização de objetivos do grupo social” (DIAS, 2011, p. 4). As três comunidades se mostraram bastante proativas nesse processo, conseguindo tintas, doação de alimentos, plantas, entre outras coisas. O projeto dispunha de um recurso financeiro destinado para este fim, que serviu para a compra de madeiras, algumas mudas específicas, sombrite, brinquedos infantis e equipamentos de academia de ginástica¹⁶. Para cada bairro, a captação de recursos se deu utilizando uma estratégia diferente, no Sirius, por exemplo, implementou-

¹⁶Através da disponibilização de maquinário, ferramentas e pessoal da Oficina Desafio do Museu Exploratório de Ciências para a realização dos mutirões comunitários durante a Vivência Oasis no Vila Abaeté e no Residencial Sirius. Além da Oficina Desafio o Laboratório Fluxus, se colocou à disposição para apoiar moradores do Jardim Bassoli, que trabalham como catadores de resíduos, na estruturação de iniciativas para a gestão de resíduos.

-se um bazar para arrecadação: com roupas, acessórios e sorteio de rifas. Destacaram-se alguns colaboradores como a Fundação FEAC, que apoiou através da contratação do serviço de manutenção das telhas da quadra do Jardim Bassoli, aluguel de andaime e disponibilização de duas caçambas para recolhimento do entulho. A Prefeitura Municipal de Campinas fez a limpeza do lixo que estava nos arredores da quadra do Bassoli. Foi doada uma faixa com o nome de todos os colaboradores na doação de materiais de construção para o Bassoli, de forma a prestigiar os doadores de materiais que contribuíram.

Para a efetiva implementação do projeto no residencial Sirius houve a doação de mais de 300 mudas por parte do escritório de paisagismo Novaes, tendo como doadora Renata Novaes, e também ocorreu a captação de uma amarelinha e um pula-pula feitas de pneus, doações da empresa Arte em Pneus.

Em todos os residenciais, moradores se mobilizaram para o empréstimo de ferramentas que foram devidamente organizadas e etiquetadas com o nome da pessoa e de seu respectivo condomínio, para facilitar a posterior devolução de todas.

No entanto, o passo do cuidado não se circunscreveu às elaborações de sonhos, projetos de maquetes, administração das expectativas e captação de recursos materiais e imateriais para implementação dos empreendimentos. Junto à Companhia das letras foram arrecadados cerca de 150 livros, doados, que foram distribuídos entre os 3 residenciais em momento posterior. Atualmente os livros são utilizados em projetos específicos e cuidados por grupos das próprias comunidades.

Após toda a captação dos recursos necessários materialmente e imaterialmente para que os projetos venham a cabo, passa-se ao Milagre, ou mão na massa. Ao longo dessa etapa os participantes são convidados a chamar mais moradores e outros possíveis parceiros voluntários, para ajudarem na concretização do Sonho coletivo, através de um mutirão que dura um final de semana. Estes são os chamados "eventos abertos", pois qualquer pessoa, mesmo que não tenha participado de nenhuma atividade prévia, pode participar. No início do mutirão são compartilhadas as atividades que, por sua vez, são divididas em frentes de trabalho: as pessoas escolhem onde querem participar, mas com a flexibilidade de poder participar de qualquer frente quando quiser.



Figura 6 - Foto da fabricação de brinquedos durante o mutirão no Residencial Sirius/ Fonte: Elos, DEMACAMP, 2017.

Os mutirões no Sirius e no Abaeté puderam contar com o apoio e participação do Caminhão do Desafio da Unicamp, na utilização de ferramentas para a construção dos mobiliários e de brinquedos para as crianças. No Espaço Comunitário do Sirius foram feitos: mobiliário móvel com bancos, floreiras, mesinhas, mesa de piquenique e armários para livros e brinquedos.

Em todo o processo estimulou-se uma forma criativa de lidar com as situações, um convite para que os 7 passos do Jogo Oásis estivessem permanentemente presentes, mas não necessariamente seguindo uma ordem gradativa e coordenada. De tal modo que, a todo o momento, mediante o processo de enxergar as potencialidades, mesmo naquilo que está disperso e desmembrado pelo espaço, pudesse se dar espontaneamente o Olhar da abundância, a elaboração do Sonho, o despertar do Afeto, a conduta mobilizadora do Cuidado e a realização de um "Milagre". De maneira que, um dos participantes da vivência no Sirius, com a ajuda de um morador e inspirado pelo desafio de atender o desejo das crianças construiu, a partir de materiais que encontrou na própria comunidade, uma mesa de pebolim, utilizando cabos de vassoura e sacos de rede de frutas, como relata em depoimento.



Figura 7 - Foto da mesa de pebolim realizada durante o mutirão do Sirius/ Fonte: Elos, Demacamp, 2017

Após a finalização de cada mutirão, o passo seguinte é a Celebração que, como o nome sugere, comemorou aquilo que foi realizado durante os dias de trabalho em conjunto, correspondente ao sexto passo da metodologia Oásis. Em cada comunidade este passo aconteceu de acordo com os talentos de cada residencial, resultando em eventos de naturezas diferentes.

Após a Celebração, o sétimo e último passo da metodologia é a chamada **RE-EVOLUÇÃO**, que corresponde ao momento em que são planejados os próximos passos do processo de mudança na comunidade. Levando em consideração que o Jogo Oásis leva um tempo relativamente curto para ser implementado, as concretizações foram acima das expectativas, considerando as perspectivas naturais para as realizações de projetos com tamanha magnitude. Justamente nesse momento, os moradores dos residenciais foram convidados a impulsionar novas ações, a partir das experiências vividas e apreendidas, se questionando novamente e coletivamente, sobre os desejos comuns para o bairro. Novos grupos foram formados de acordo com os interesses pessoais para o planejamento de um novo ciclo de realizações. Para isso foram organizadas metas de curto, médio e longo prazo, que correspondem a ações que idealmente ocorreriam respectivamente dentro de um, três meses e doze meses.

A Revolução do residencial Sirius projetou, dentre as atividades a serem realizadas no prazo de um mês: a preparação de um terreno para uma horta comunitária; formação de uma composteira; a realização de atividades com crianças e jovens no espaço comunitário; a realização de encontros para pensar estratégias de mobilização comunitária; plano de atividades; realização, no Espaço Comunitário, de uma festa de Carnaval, destinada às crianças e; promover encontro com Associação de Comerciantes. Dentre as atividades inicialmente planejadas, algumas foram feitas: a festa de carnaval para as crianças, encontro com a associação de comerciantes e atividades com crianças no espaço comunitário, que

hodiernamente ainda acontecem, sendo promovidas por moradoras do residencial.

As atividades planejadas para serem realizadas a médio prazo eram: fazer o levantamento sobre as informações do TAC; realização de oficinas culturais e esportivas; sessões de filmes e animações com rodas de conversa (Cine Sirius); iniciar a área de lazer; buscar alternativas para regularização dos comércios; formação da Associação de Moradores e; agenda comunitária de ações e projetos. Destas ações, algumas se efetivaram, mas não exatamente da forma planejada, nem envolveram necessariamente as pessoas que inicialmente se comprometeram no dia da Re-evolução, extrapolando o prazo de 3 meses.

Uma das concretizações, que foi realizada após a finalização do projeto, foi implantação de uma área de lazer, feita em mutirão por iniciativa de um morador do condomínio A2 que, após o curso Equipes Transformadoras de lideranças comunitárias, sentiu-se impelido a fazer coisas pelo bairro e com os moradores.

A longo prazo a pauta era: a consolidação de projetos comunitários; a consolidação da área de lazer com quadra poliesportiva; a regularização dos comércios e capacitação dos comerciantes; avançar na agenda de políticas públicas para o bairro (saúde, educação, cultura e esporte) e; a construção de uma creche comunitária. Dessas ações, algumas ainda acontecem, como o engajamento de parte da população na agenda de políticas públicas para o bairro, organizou-se grupos de whatsapp criados para fortalecer o engajamento, a comunicação e a articulação entre os moradores.

PRINCIPAIS RESULTADOS DOS PRIMEIROS MUTIRÕES NOS BAIROS



Figura 8 – Foto atual, fruto do resultado no Espaço Comunitário no Sirius/ Fonte: Autora, 2019.

¹³Entre colaboradores de instituições públicas e organizações sociais, moradores dos residenciais, profissionais interessados em conhecer a metodologia e estudantes.

¹⁴Como a Fundação FEAC (Federação das Entidades Assistenciais de Campinas) e da Fundação Educar DPaschoal

¹⁵Como mencionado, o Bassoli contou com a participação de 100 jovens da Educar DPaschoal que participaram do passo “mão na massa”, tendo um final de semana a mais de mutirão.

Na vivência Oásis no Sirius, durante o mutirão, ocorreu uma intervenção/revitalização no espaço comunitário, como a construção de mobiliário urbano de madeira móvel, biblioteca e brinquedoteca (com livros doados e brinquedos criados no mutirão), pintura do piso e das paredes (espaço para projeção de cinema ao ar livre e/ou apresentações), desenvolvimento de jogos, além do paisagismo e plantio, tanto de mudas de arbustos, quanto de ervas aromáticas. Posteriormente foi instalado um sombrite com o intuito de melhorar a qualidade ambiental e deixar o espaço mais agradável durante o dia, para diminuição da incidência do sol. As intervenções no espaço comunitário do Sirius motivaram a posterior construção de uma sede dos comerciantes locais, com um banheiro para que a comunidade pudesse utilizar durante os eventos no espaço.

A Escola de Transformação promoveu a criação de espaços comunitários de forma colaborativa e a entrada do Projeto nos bairros, gerando a possibilidade de abertura de espaços de diálogos, onde os moradores puderam se conhecer e começar a estabelecer diálogos que, possivelmente, não aconteceriam se não houvesse tal incentivo e fomento de um ambiente propício a essa finalidade. Percebemos em algumas falas de moradores, um certo despertar de colaboração, um resgate de um espírito cooperativo que talvez estivesse adormecido quando se mudaram para o novo empreendimento. Os encontros promovidos fizeram com que vínculos fossem estabelecidos.

“Comunidade é isso: um ajuda o outro. Enquanto um morador troca as plantas de lugar por conta do Sol, outra moradora faz a rega das plantas”. (Antônio Carlos Santos, morador do Sirius)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No total foram contabilizadas mais de 200 pessoas nos mutirões nos residenciais Sirius e Abaeté e mais de 300 pessoas nos mutirões do Bassoli. Para além de questões numéricas, as vivências nos residenciais promoveram espaços de encontros e trocas fazendo com que as pessoas do mesmo condomínio e até de condomínios ou lugares completamente diferentes, pudessem se aproximar e criar algum tipo de vínculo. A partir dessas trocas foi possível também a entrada da equipe técnica nos bairros, de forma a ter mais credibilidade e confiança dos moradores, uma vez que perceberam que o projeto estava ali para o benefício da própria comunidade. Uma das falas mais marcantes em uma das primeiras reuniões no Sirius, que teve consonância com outras falas parecidas de pessoas do Bassoli, foi no sentido dos moradores expressarem o sentimento de se estarem esquecidos, que foram “jogados” e que não estavam sendo atendidos pelo Poder Público no que tange aos seus direitos.

Dessas vivências derivaram grupos formados por interesses comuns e incentivados a elaborarem juntos projetos, que seriam impulsionados pela Escola de Transformação¹⁷.

No tocante à experiência exposta podemos trazer a reflexão se experiências como esta tem um efeito duradouro de fato. O tempo limitado de dois anos de projeto demonstra que não há de fato uma vontade política numa continuidade de acompanhamento dessas comunidades. Se por um lado essas famílias foram assistidas como nunca haviam sido antes, por outro lado nos colocamos a refletir até que ponto essas ações vão mudar a vida dos moradores substancialmente. Essa é uma resposta que apenas os próprios moradores poderiam dar, e mesmo que alguns digam que sim, foi uma parcela muito pequena que participou do projeto. Não querendo ser pessimista quanto a esse tipo de ação nas comunidades, mas acreditamos que trabalhos que tem como meta uma transformação efetiva na vida dos beneficiários deveriam ser pensados para, no mínimo, quatro anos, e ainda sim, serem contratados os próprios moradores como agentes comunitários para mobilização dos seus bairros.

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa não seria possível sem o fundamental apoio da DEMACAMP e do Instituto Elos, além do apoio da CAPES: PROSUP.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAPRA, Fritjof. A Teia da Vida: Editora Cultrix, São Paulo. 1996,
- CAIXA ECONÔMICA FEDERAL, Diagnóstico Urbanístico dos Empreendimentos do Minha Casa Minha Vida. Campinas. 2016/7.
- CAIXA ECONÔMICA FEDERAL, GUIA DE REFERÊNCIA: Implementação de Projetos DIST, 2016
- DIAS, E. C. E CASTELO A. M. 'O Minha Casa Minha Vida quatro anos depois' , Conjuntura da Construção SindusCon-SP e Fundação Getúlio Vargas- FGV. março 2013.
- ESTATUTO DA CIDADE, Artigo 2, Lei 10.257/2001.
- FERREIRA, J. S. W. Produzir casas ou construir cidades? Desafios para um novo Brasil urbano. São Paulo: FUPAM, 2012.
- GONÇALVES, R. e .CASTELO. A. M. 'A dinâmica setorial no período 2007-2011', Conjuntura da Construção. SindusCon-SP e Fundação Getúlio Vargas- FGV, Setembro 2013.
- MARICATO, E. (2011) O impasse da política urbana no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- HARVEY, David. A justiça social e a cidade. São Paulo: HUCITEC. 1980. Le Capitalisme contre le droit à la ville: Néolibéralisme, urbanisation, résistances. Éditions Amsterdam, Paris. 2011.
- OKRETIC, Gabrielle Astier de Villatte Wheatley. Áreas públicas em conjuntos habitacionais recentes: ações para fortalecer a auto-estima e concretizar o pertencimento ao lugar com o protagonismo dos moradores. Tese – Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2020.
- RIBEIRO, Wagner Costa. Impactos das mudanças climáticas em cidades no Brasil. Parcerias Estratégicas, Brasília, n.27. 2008.
- SINGER. A. Os sentidos do lulismo: Reforma Gradual, Pacto Conservador. Companhia das Letras, São Paulo. 2012.
- SPECK. B. W. CERVI. E.U. Dinheiro, Tempo e Memória Eleitoral: Os Mecanismos que Levam ao Voto nas Eleições para Prefeito em 2012 Dados vol.59 no.1 Rio de Janeiro Jan./Mar. 2016 (disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/00115258201671>)
- INSTITUTO ELOS, Manual do Participante: Vivência Oásis. S/ data.

Por uma definição de mito, ordem e origem em Lina Bo Bardi: a noção de origem

AUTORA

Dr^a. Vera Santana Luz
Arquiteta e Urbanista / Docente e Pesquisadora
do Programa de Pós - Graduação em Arquitetura e
Urbanismo, PUC-Campinas

RESUMO

Este artigo se baseia no pressuposto de duas chaves de leitura - as quais denominamos respectivamente **Mito da Ordem** e **Mito da Origem** - para o entendimento da obra da arquiteta **Lina Bo Bardi**. Mito da Ordem se refere a um núcleo pitagórico-platônico que apresenta um certo grau de persistência no pensamento arquitetônico ocidental incluindo o Movimento Moderno. Mito da Origem compreende a ideia recorrente, também presente no Movimento Moderno, de uma arquitetura primordial e originária que pudesse conter os princípios genuínos dos quais as arquiteturas subsequentes deveriam se remeter como garantia de autenticidade. Neste texto discutiremos a premissa que denominamos Mito da Origem.

A NOÇÃO DE ORIGEM EM LINA BO BARDI

Definimos **Mito da Origem** como a relativa permanência da ideia de um tempo circular onde se funda, a cada vez, se revive e atualiza, de tempos em tempos, uma origem ideal e paradigmática, exemplar, por vezes remetida à própria ideia que se tenha da criação do mundo, do primeiro homem, da primeira arquitetura. Tomamos a palavra 'original' no sentido de exemplo inicial e modelar. Esse ato pode estar singularizado na fundação de uma cidade, na construção de um templo ou de uma casa. Assim, a primeira casa do homem, idealizada e originária, seria o paradigma genuíno de todas as demais casas. Mircea Eliade (1992, p. 36) demonstra que essa ideia de tempo circular e origem ideal é recorrente nas culturas primitivas, vislumbrando uma Idade do Ouro inicial. Tempo circular evidentemente é uma ideia contrária à de evolução como progresso contínuo e infinito, em tempo linear. Propomos que, paralelamente à noção de progresso ilimitado que fundamenta o pensamento moderno deste a Revolução Industrial - e estamos aqui sob a ótica particular da arquitetura -, exista uma certa permanência da ideia de Origem, da procura de modelos ideais e originários, o que se costumou chamar de 'cabana

primitiva', arquétipo buscado recorrentemente por muitos arquitetos em diversas épocas e evidentemente inatingível, posto que ideal (Rikwert, 1974).

Mircea Eliade apresenta a ideia do Mito do Eterno Retorno a partir de uma concepção ontológica primitiva onde:

Um objeto ou um ato torna-se real apenas enquanto serve para imitar ou repetir um arquétipo. Assim, a realidade é alcançada unicamente por intermédio da repetição ou da participação; tudo o que carece de um modelo exemplar é "insignificante", isto é, está destituído de realidade. Desse modo, os homens demonstram uma tendência no sentido de se tornarem arquetípicos e paradigmáticos. Essa tendência pode até parecer paradoxal, no sentido de que o homem de uma cultura tradicional se vê como uma pessoa real apenas até o ponto em que deixa de ser ele próprio (para um observador moderno), satisfazendo-se com a imitação e a repetição dos gestos de outro. (ELIADE, 1993, p. 37-38)

Jung apresenta uma definição sumária de alguns aspectos dessa noção de Origem; à parte do que Jung possa deixar entrever de seus compromissos ideológicos um tanto tendenciosos com respeito ao mundo comunista e do que possa chamar de "nossa superioridade" na qual absolutamente não nos sentimos incluídos, pensamos que essa definição seja aplicável, em certos termos, ao ideário político de arquitetos modernos de visão socialista:

O mundo comunista, é fácil notar, tem um grande mito (a que chamamos ilusão, na vã esperança de que a nossa superioridade de julgamento vá fazê-lo desaparecer). Este mito é um sonho arquetípico, santificado através dos tempos, de uma Idade do Ouro (ou Paraíso) quando haverá abundância para todos e um grande chefe, justo e sábio, reinará dentro de um jardim de infância humano. Este poderoso arquétipo,

na sua forma pueril, apoderou-se do mundo comunista e não é porque nos opomos a ele, com a superioridade do nosso ponto de vista, que há de desaparecer da face da Terra. Nós também o alimentamos com a nossa infantilidade, pois nossa civilização ocidental está dominada pela mesma mitologia. Inconscientemente, acalentamos os mesmos preconceitos, as mesmas esperanças e expectativas. Também nós acreditamos no Estado da Providência, na paz universal, na igualdade do homem, nos seus eternos direitos humanos, na justiça, na verdade e (não proclamemos alto demais) no Reino de Deus sobre a Terra. (JUNG, 1964, p. 85)

Nossa premissa parte da consideração de que o abandono da Europa por Lina Bo Bardi após a II Guerra Mundial, em fins da década de quarenta, e a 'adoção' refletida da nacionalidade brasileira parecem ser também como que um desejo de participar da construção de um mundo novo, tendo como bagagem um conhecimento estruturado desde sua formação na Universidade de Roma, a noção ampla da tratadística e da tradição artística ocidental, a atualidade sobre o ideário do Movimento Moderno na Europa, o trabalho em publicações, a experiência de participação em atividades de reconstrução no pós-guerra e seu possível envolvimento político na Resistência articulados a uma visão límpida e despreconceituada de um país com novas possibilidades, onde a arquitetura moderna iniciara por se configurar e a Natureza, presente, indicava um mundo por se fazer.

Para utilizarmos os conceitos de Mito da Ordem e Mito da Origem, convém refletir sobre o significado do termo mito. A palavra 'mito' possui uma possibilidade de definição extensa. Muitos autores discutem a relação entre mito e pensamento a propósito dos estudos dos primeiros filósofos, dos pré-socráticos, a Platão e Aristóteles, por vezes defendendo a primazia do mito sobre o pensamento, até certo momento da História da Filosofia (CHAUÍ, 2002). Platão utiliza a narração de mitos em seus diálogos como dispositivo literário cuja interpretação diverge autores em considerá-los apenas como recursos poéticos ou parte do conteúdo propriamente filosófico, ou seja, uma forma de conhecimento. Entre esses mitos podemos citar o Mito da Caverna e o Mito de Er ou da Reminiscência, na República, o Mito de Eros no Banquete e o Mito das Idades do Mundo, no Timeu (PLATÃO, 1965, 1979, [s. n.]).

Jung estabelece uma relação possível entre a origem do mito e a forma de pensamento contemporânea:

A origem dos mitos remonta ao primitivo contador de histórias, aos seus sonhos e às emoções que a sua imaginação provocava nos ouvintes. Esses contadores não foram gente muito diferente daquelas a quem gerações posteriores chamaram poetas ou filósofos. [...] Em épocas recuadas, enquanto conceitos instintivos ainda se avolumavam no espírito do homem, a sua consciência podia, certamente, integrá-los numa disposição psíquica coerente. Mas o homem "civilizado" já não consegue fazer isto.

Sua "avançada" consciência privou-se dos meios de assimilar as contribuições complementares dos instintos e do inconsciente. Estes meios de assimilação e integração eram exatamente, os símbolos numinosos tidos como sagrados por um consenso geral. [...] Hoje, por exemplo, fala-se de "matéria". Descrevemos suas propriedades físicas. Procedemos a experiências de laboratório para demonstrar alguns de seus aspectos. Mas a palavra "matéria" permanece um conceito seco, inumano e puramente intelectual, e que para nós não tem qualquer significação psíquica. (JUNG, 1964, p. 90-95)

Campbell, em um breve apanhado a respeito da função do mito tradicional enquanto modelo e um possível paralelo contemporâneo, pontua em algumas passagens que:

As literaturas grega e latina e a Bíblia costumavam fazer parte da educação de toda gente. Tendo sido suprimidas, toda uma tradição de informação mitológica do Ocidente se perdeu. Muitas histórias se conservaram, de hábito, na mente das pessoas. Quando a história está em sua mente, você percebe sua relevância para com aquilo que esteja acontecendo em sua vida. Isso dá perspectiva ao que lhe está acontecendo. Com a perda disso, perdemos efetivamente algo, porque não possuímos nada semelhante para pôr no lugar. Esses bocados de informação, provenientes dos tempos antigos, que têm a ver com os temas que sempre deram sustentação à vida humana, que construíram civilizações e enformaram religiões através dos séculos, têm a ver com os profundos problemas interiores, com os profundos mistérios, com os profundos limiares da travessia, e se você não souber o que dizem os sinais ao longo do caminho, terá que produzi-los por sua conta. (CAMPBELL, 1990, p. 4)

O fato é que, numa cultura que tenha se mantido homogênea por algum tempo, há uma quantidade de regras subentendidas, não escritas, pelas quais as pessoas se guiam. Há um ethos ali, um costume, um entendimento segundo o qual "não o fazemos dessa maneira". (CAMPBELL, 1990, p. 9)

Uma mitologia não expressa, você poderia dizer. É a maneira como usamos o garfo e a faca, a maneira como lidamos

com pessoas, e assim por diante. Nem tudo está escrito nos livros. [...] Os mitos oferecem modelos de vida. [...] Mas os modelos têm de ser adaptados ao tempo que você está vivendo. (CAMPBELL, 1990, p. 13)

Agora, o que é um mito? A definição de dicionário seria: História sobre deuses. Isso obriga a fazer a pergunta seguinte: Que é um deus? Um deus é a personificação de um poder motivador ou de um sistema de valores que funciona para a vida humana e para o universo – os poderes de seu próprio corpo e da natureza. Os mitos são metáforas da potencialidade espiritual do ser humano, e os mesmos poderes que animam nossa vida animam a vida do mundo. Mas há também mitos e deuses que têm a ver com sociedades específicas ou com as deidades tutelares da sociedade. Em outras palavras, há duas espécies totalmente diferentes de mitologia. Há a mitologia que relaciona você com sua própria natureza e com o mundo natural, de que você é parte. E há a mitologia estritamente sociológica, que liga você a uma sociedade em particular. [...] Você não pode prever que mito está para surgir, assim como não pode prever o que irá sonhar esta noite. Mitos e sonhos vêm do mesmo lugar. Vêm de tomadas de consciência de uma espécie tal que precisam encontrar expressão numa forma simbólica. (CAMPBELL, 1990, p. 23-24)

Eu penso na mitologia como a pátria das Musas, as inspiradoras da arte, as inspiradoras da poesia. (CAMPBELL, 1990, p. 57)

Em busca das possíveis definições de mito, vejamos ainda a proposição de **Susanne Langer**, de associação entre metáfora e pensamento abstrato, lógica, significado e simbolização, que seria também interna aos mitos:

A capacidade de ver uma coisa em outra, que origina nossas metáforas e nossos modelos conceituais (dos quais os mais velhos são os mitos da natureza e da vida humana), leva também a um processo de pensar caracteristicamente humano, conhecido como abstração. (LANGER, 1971, p. 141)

O fato, creio, é que a percepção de formas, ou a abstração, é intuitiva, da mesma forma que o reconhecimento e relações, de instâncias e de significado. Constitui um dos atos básicos da intuição lógica, e a sua ocorrência típica e primitiva está no processo de simbolização. (LANGER, 1971, p. 64)

No nosso caso, a utilização da palavra mito supõe noções que funcionariam como crenças não comprováveis por pensamento lógico ou científico, não opostas a estes, mas justamente atuando sobre eles, como um pano de fundo, próximas à definição da forma imaginativa de uma conceito sugerido pela fantasia como simbolização da verdade que deve ser transmitida, uma narrativa de significação simbólica, uma representação ideal que se refere a aspectos da condição humana. Ora, uma narrativa ou representação no campo da arquitetura se dá no próprio projeto, se considerarmos válida nossa hipótese de a arquitetura conter significados internos a ela, por vezes também justificadas nas explicações verbais ou em textos escritos que o arquiteto possa fazer de sua própria obra. A arquitetura poderia ser, guardadas as devidas proporções, comparável a um rito, desde que compreendida como ato simbólico social e perante a Natureza. Mediante a análise da obra de Lina Bo Bardi como referência que, a despeito da objetividade estrita, da postura racionalista, funcionalista e baseada na tecnologia avançada, supomos que a arquitetura moderna manifesta uma narrativa de conteúdos subjacentes comparáveis àqueles atos simbólicos que presidiram a arquitetura desde os tempos primordiais, associada aos demais ritos das comunidades arcaicas. Isto já se antevê nos fundadores da modernidade; um paradigma possível seria Paul Klee. A esse respeito, vejamos uma passagem de **Argan**:

Klee never loses sight of other men, the community; he always tries to consider society as a single and multiform individual, with its own life story, its own 'Erlebnis'. Unlike Mondrian he does not conceive of an ideal society, which finally and peacefully settles down into a common acceptance of incontrovertible rational truths; he prefers to seek the reason for common understanding in living experience, in the history and pre-history of humanity, of the 'people' instead of in utopian plans for the future. In society, individuals appear to him to be bound together by old ties, by the spirit of clan and tribe, by a host of beliefs and terrors, of myths, magical rites, superstitions and

Lembramos imediatamente **Darcy Ribeiro** discutindo Lina Bo Bardi, ao dizer que:

Lina queria que o Brasil tivesse uma indústria a partir das habilidades que estão na mão do povo, do olhar da gente com originalidade.

Poderíamos reinventar os talheres de comer, os pratos, a camisa de vestir, o sapato. Havia toda uma possibilidade de que o mundo fosse refeito. O mundo do consumo como alguma coisa que tivesse ressonância em nosso coração.

Lina era uma pessoa que ajudava a pensar nesse rumo, uma prosperidade que fosse de todos, uma beleza que fosse alcançável, atingível. (RIBEIRO, apud SUZUKI, 1994, [s. n.]

taboos; these are the ties which unite them organically to nature and the cosmos. By understanding his own motives, the individual does not isolate himself in his own monad; on the contrary, he re-discovers in the myths of the unconscious the common roots of man's being and his existence. Not only does he discover the relationship, but the unity of the one with the whole. In the world of quality, the mythical images shed all nocturnal shadows and become as clear as platonic ideas. (ARGAN, apud KLEE, 1978, p. 16-17)

Tomamos, portanto, a ideia de mito como algo que pode criar uma certa atmosfera ao redor e mesmo interna aos conteúdos racionais, uma espécie de sentimento ou intuição capaz de mover até certo ponto as escolhas das formas arquitetônicas e que, mesmo dentro do universo da razão, possa emanar conteúdos não completamente racionais ou conscientes, como uma crença difusa, tanto do ponto de vista da Ordem como da Origem. Esses dois conceitos já nascem imbricados. A ideia de mundo ordenado – o cosmos - que fundamenta o nascimento da cultura ocidental, desde a Grécia, é ligada à noção de Origem desse mundo nascido justamente por ordenação dos deuses, pensamento também recorrente nas tradições primitivas. Noções de Ordem e Origem parecem ecoar como um conhecimento quase que esquecido, percorrendo a Idade Média na procura de aliança entre platonismo e cristianismo, atuando mais positivamente no Renascimento, postas em questão até certos limites na Ilustração e, segundo acreditamos, verificáveis na modernidade, particularmente para nosso interesse na arquitetura moderna, que descreve uma trajetória um tanto singular se comparada às demais artes, como a música, a pintura e a literatura, a filosofia e a própria ciência modernas, que compreendem a ideia de caos, de acaso e de instabilidade em sua prática e postulados.

A propósito de mito e rito vejamos, por fim, algumas definições básicas:

O verdadeiro objeto do mito não são os deuses nem os ancestrais, mas a apresentação de um conjunto de ocorrências fabulosas com que se procurou dar sentido ao mundo. O mito aparece e funciona como mediação simbólica entre o sagrado e o profano, condição necessária à ordem do mundo e às relações entre os seres. [...] O mito, enquanto ligado à experiência religiosa, envolve um tipo de compreensão diverso do da experiência racional. Não é concebido como algo que se oponha à realidade, quer para um membro de uma comunidade arcaica, quer para um asteca ou assírio. Essa realidade expressa-se através do ritual, que constitui verdadeira repetição de um fragmento do tempo primordial em que os deuses agiram e quando tudo era possível. É esse tempo primordial que serve de modelo, no pensamento mítico, para todos os tempos, inclusive o atual, repetindo-se sem cessar aquilo que aconteceu na origem de tudo. A consciência mítica, portanto, só concebe a realidade sensível em relação a uma realidade cósmica inicial. [...] O mito

é dado como verdadeiro, portanto, porque se vê na vida social a confirmação da cosmogonia, passando sempre como história exemplar, um modelo a ser conhecido. Contém a reminiscência de uma ordem universal primeva em que se engendrou a textura da vida presente, constituindo-a e justificando-a. A cosmogonia fornece o padrão ideal para os homens cada vez que se realiza qualquer ato, tanto na esfera coletiva como na particular. A expressão mítica contida nesses atos ganha corpo através de uma série de gestos que refletem ou reiteram o ato original [...] e, em última instância, quando reunidos de forma integrada, constituem o ritual. Embora, por problemas de método, se costume dissociar o mito do rito, sua compreensão fica prejudicada se não estiver presente, no exame de qualquer tema mitológico, sua expressão dramático-ritual, pois o rito é o mito em ação. (ENCICLOPÉDIA MIRADOR, 1987, p. 7762)

Se a arquitetura moderna mantém, por vezes, essas duas permanências descritas, de Ordem e Origem, como uma possível fonte subjacente a suas escolhas, isentas de qualquer religiosidade aparente, apontando para um futuro ideal e orientada para um passado paradigmático imaginário, isto se apresenta de modo claro na obra de Lina Bo Bardi. Nela fomos em busca desses conteúdos para propor esta visão, dentre outras inúmeras que sua arquitetura pode estabelecer.

Para a verificação da consistência recorremos em alguma medida a conceitos externos à Teoria e História da Arquitetura em sentido estrito, em certos casos retirados da filosofia. Não se pretendeu, está claro, fazer um percurso completo da história da cultura ou da filosofia, o que seria uma ambição desmedida e sairia em muito do âmbito desse ensaio. Acreditamos, contudo, que a comunicação entre campos tenha sido fundamental para subsidiar nossa investigação; temos claro que um estudo propriamente filosófico demandaria um grau de especificidade e profundidade muito além do aqui proposto. Manter estanques as especializações, pode se tornar, por outro lado, empobrecedor, quando se trata de investigar uma obra de arquitetura. Nos remetemos, nesse sentido, ao campo da filosofia ou mesmo da antropologia com muita cautela, quando nos pareceu fundamental, em busca de alguns conceitos ou circunstâncias paradigmáticos onde os enunciados de Ordem ou de Origem se deixavam entrever, buscando seguir sua permanência no tempo, a partir de autores como Witkower (1953), Benevolo (1963), Pevsner (1968), Banham (1975), Rikwert (1994), Frampton (1981), Wingley (1981) e Wick (1989).

É explícita essa ideia de recorrência das noções de Ordem e Origem por meio de alguns momentos da História que nos pareceram exemplares, escolhidos com uma certa liberdade, sem procurar abranger toda sua possível continuidade até a modernidade. Não se trata, é preciso dizer, de contar a história do pensamento ocidental sob este viés, pois o que nos interessou, em última instância, foi tentar desvendar e compreender significados impressos na obra de Lina Bo Bardi,

relacionados ao seu modo de ver o mundo e a Natureza e à sua busca por um novo humanismo, conceitos por ela reiteradamente enunciados e rebatidos em sua prática, e que nos pareceram, dentro da originalidade de seu trabalho, estreitamente enraizados na História. Ora, esses dois princípios de Ordem e Origem vão informar a arquitetura de Lina Bo Bardi desde o início, a partir das obras finamente racionais da Casa de Vidro e do MASP ou mesmo antes, nos primeiros estudos que irão paulatinamente desembocar em uma síntese jamais elaborada, procurando colocar junto – lado a lado, a tecnologia mais avançada, os procedimentos da vanguarda e seu repertório formal à manifestação vernacular e popular brasileira mais anônima, onde Lina Bo Bardi encontra raízes tão significativas e, segundo seu ponto de vista, equiparáveis e análogas pari passu aos procedimentos eruditos modernos, como a simplificação, a seriação e a racionalidade. Uma última questão ainda poderia ser levantada, qual seja do porquê de sua arquitetura não se assemelhar ao esvaziamento de conteúdo, característico dos procedimentos pós-modernos, muito embora evidentemente Lina Bo Bardi tenha sempre se levantado francamente contra estes. Poderíamos utilizar toda uma categorização apresentada, por exemplo, por David Harvey (1992), ou Frederic Jameson (1984), mas desde já podemos afirmar que a diferença radical nos parece ser dada pela chave da não arbitrariedade em que seu trabalho jamais resvala, estabelecendo sempre princípios que lhe dão validade, de cuja poética tentamos nos aproximar.

Dessa reflexão surgiu uma hipótese de categorização às quais denominamos 1) As Caixas Quase em Ordem - onde incluímos a Casa de Vidro, São Paulo, de 1951, o Museu à Beira do Oceano, Ubatuba, de 1951, O MASP, São Paulo, de 1957-1968; 2) As Caixas com Figuras, que se referem à Casa Valéria Cirell, São Paulo, de 1958 e sua ampliação La Torracia, de 1964, a Casa do Chame-Chame e a Casa Mário Cravo, ambas em Salvador, de 1958, uma série de estudos para casas realizados entre 1958 e 1962, o loteamento em Itamambuca, Ubatuba, de 1965, o Projeto Camurupim, Propiá/Sergipe, de 1975, a Capela Santa Maria dos Anjos, Ubiúna, de 1978, a restauração do Solar do Unhão para abrigar o Museu de Arte Popular, junto ao Museu de Arte Moderna na Bahia, Salvador, de fins da década de 1950, o Teatro Oficina, São Paulo, de 1980-1984, o Restaurante do Coaty e a Casa do Benin, ambos em Salvador, de 1987, estudos para a Casa do Brasil no Benin, em Uidá, de 1989, a Igreja Espírito Santo do Cerrado, em Uberlândia, de 1976-1982 e o SESC Fábrica da Pompeia, São Paulo, de 1977-1986; e, como interpretação última a categoria de c) Três Projetos Radicais, que alcunhei para a Casinha-Estúdio do Morumbi, São Paulo, de 1986, a Cadeira de Beira de Estrada ou Cadeira de Três Paus, como é também chamada, realizada no sertão da Bahia, em 1967 e o projeto para o concurso do Pavilhão da Exposição Internacional de Sevilha, de 1991.

Estes projetos de Lina Bo Bardi possibilitam a discussão de paradigmas modernos a partir da introdução de elementos que questionam esses paradigmas

desde dentro, colocando sob tensão as relações entre: **matéria e abstração; abstração e significado; ação e pensamento; erudito e popular; tempo linear e tempo circular; origem e progresso ilimitado; espaço/uso, ambiente, lugar/locus** e, especialmente, a **redefinição de arquitetura** em cada projeto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENEVOLO, Leonardo. Historia de la Arquitectura Moderna. Barcelona: G. Gili, 1963.
- BANHAM, Reyner. Teoria e projeto na primeira era da máquina. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- CAMPBELL, Joseph. O Poder do Mito. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- CHAUÍ, Marilena: Dos pré-socráticos a Aristóteles. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- ELIADE, Mircea: Mito do eterno retorno: cosmo e história. São Paulo: Mercuryo, 1992.
- ENCICLOPEDIA MIRADOR INTERNACIONAL. ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA DO BRASIL. Mitologia. v. 14, São Paulo/Rio de Janeiro, 1987.
- FRAMPTON, Kenneth. Historia crítica de la arquitectura moderna. Barcelona: G. Gili, 1981.
- HARVEY, David. Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo, Loyola, 1992.
- JAMESON, Frederick. Postmodernism or the cultural logic of late capitalismo. Durham: Duke Univesity, 1984.
- JUNG, Carl Gustav. O homem e seus símbolos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.
- Klee, Paul: Notebooks: the thinking eye. Londres: Lund Humphries, 1978.
- LANGER, Susanne K.: Ensaios filosóficos. São Paulo: Cultrix, 1971.
- LUZ, Vera. Ordem e origem em Lina Bo Bardi. São Paulo: Giostri, 2014.
- PEVSNER, Nikolaus. Los orígenes de la arquitectura moderna y del diseño. Barcelona: G. Gili, 1968.
- PLATÃO. Timeu e Crítias ou A Atlântida. São Paulo: Hemus, sem data.
- PLATÃO. A República. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1965.
- PLATÃO. Diálogos: o Banquete-Fédon-Sofista-Político. São Paulo: Abril, 1979.
- RIKWERT, Joseph. La casa de Adán en el paraíso. Barcelona, G. Gili, 1974.
- SUZUKI, Marcelo (Ed.). Tempos de grossura: o design no impasse. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1994.
- WIGLEY, Hans M. The Bauhaus. Massachussets/London: MIT Press, 1981.
- WICK, Rainer. Pedagogia da Bauhaus. São Paulo: Martins Fontes,

